



**Universidade do Minho**  
Escola de Psicologia

Maria João da Silva Ferreira

**A violência no namoro:  
Estudo exploratório de caracterização  
das reacções dos adolescentes face à  
violência**



**Universidade do Minho**  
Escola de Psicologia

Maria João da Silva Ferreira

**A violência no namoro:  
Estudo exploratório de caracterização  
das reacções dos adolescentes face à  
violência**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado Integrado em Psicologia  
Área de conhecimento em Psicologia da Justiça

Trabalho realizado sob a orientação do  
**Professor Doutor Rui João Abrunhosa  
Carvalho Gonçalves**

Outubro de 2011

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **Agradecimentos**

*À Professora Doutora Carla Machado, por me ter incentivado a desenvolver este trabalho, por me ter acompanhado no início desta caminhada, dando-me a força que necessitava para arrancar. Quero expressar toda a minha admiração, gratidão e enorme consideração pela pessoa e profissional que sempre foi.*

*Ao professor Doutor Rui Abrunhosa, pelo gosto que me incutiu pela Psicologia da Justiça, tendo sido o responsável pelo facto de seguir esta área de conhecimento. Mais ainda, um muito obrigada por me acompanhar nesta aventura, quando me encontrava perdida e algo desmotivada. O seu incentivo foi fundamental para chegar ao fim.*

*Um especial agradecimento aos elementos da Direcção da Escola Secundária com 3.º ciclo de Gondomar, da Escola Secundária com 3.º ciclo de S. Pedro da Cova, da Escola Secundária de Rio Tinto e da Escola Básica e Secundária à Beira Douro, por terem participado no estudo, através da gentil disponibilização para a recolha de dados juntos dos seus alunos. Não posso, também, deixar de agradecer, particularmente, a todos os jovens que participaram e Encarregados de Educação que permitiram que a presente investigação fosse realizada. Sem a ajuda de todos, esta investigação não teria sido possível.*

*À Dr.ª Lília Silva, pela preciosa ajuda na recolha da amostra e pela disponibilidade que sempre teve para comigo.*

*À Liliana, à Diana, à Raquel e à Anna, pela motivação, pela partilha de ideias, pelos desabaços, pelos momentos de descontração e acima de tudo por acreditarem em mim, tal como eu acredito em vocês! Um especial agradecimento à Diana, pela paciência infindável e por partilhares comigo os teus conhecimentos sobre SPSS.*

*A todas as minhas amigas, que desde sempre tiveram lá...*

*À minha querida família, pelo amor e apoio incondicional que sempre depositam em mim, pela paciência com as minhas ausências e por tudo... a vocês devo tudo aquilo que sou!*

*Para terminar, um agradecimento muito especial e sentido ao Miguel, pela ajuda no SPSS, mas acima de tudo pelo carinho, pelo amor, pela compreensão, por me incentivares a nunca desistir e por estares sempre lá...nos bons e nos maus momentos! Obrigada por me acompanhares ao longo destes anos e por seres o meu porto de abrigo, especialmente em alturas que estive prestes a naufragar!*

*Um enorme muito obrigada a todos!*

## Resumo

O presente estudo teve como objectivo caracterizar o fenómeno da violência no namoro, de modo a obter uma compreensão mais aprofundada na temática e focando-se, especialmente, no contexto de vitimação e nas reacções/respostas de *coping* face à violência. Foi conduzido junto de uma amostra de adolescentes portugueses a frequentar o ensino secundário e com experiência de violência no namoro ( $n=170$ ). Os dados foram recolhidos através de um inquérito por questionário de auto-relato, sendo o questionário usado uma adaptação do IVC-2 (C. Machado, M. Matos, & M. Gonçalves, 2001; Universidade do Minho) - *Versão para investigação*. Os principais resultados apontam para uma predominância da violência psicológica, sendo as raparigas mais vítimas de violência. Não se verificaram diferenças ao nível da idade. Do mesmo modo a reciprocidade da violência é dominante tal como o facto de os adolescentes manifestarem pouco comportamentos de procura de ajuda e quando o fazem optam por buscar ajuda informal e sentem-se satisfeitos com a ajuda recebida.

Palavras-chave: Adolescência; Violência no namoro; Reciprocidade; Contexto; Reacções; Procura de Ajuda

## Abstract

The present study aims to characterize the dating violence phenomenon in order to gather a deeper understanding of the topic, focusing, mainly, on the victimization context and on the *coping* reactions/responses towards violence. It was conducted on a sample of Portuguese adolescents attending high school whom have already experienced violence in dating relationships ( $n=170$ ). The data was collected through a self-report questionnaire adapted from IVC-2 (C. Machado, M. Matos, & M. Gonçalves, 2001; Universidade do Minho) – Portuguese Version for Investigation. The main results point to a dominance of psychological violence, being the girls the most victimized. There were not found differences regarding age levels. In the same way, the reciprocity in violence is dominant, as well as the fact that adolescents tend to not seek help, and when they decide to do it, they opt for non-professional help and end up satisfied with it.

Keywords: Adolescence; Dating Violence; Reciprocity; Context; Reactions/Responses; Help-seeking.

## Índice

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>5</b>
<b>PARTE I – CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>6</b>
1 – Clarificação conceptual – adolescência/juvenildade e namoro .....	<b>6</b>
2 – Definição e formas de violência .....	<b>8</b>
3 – Violência no namoro: dimensão e caracterização .....	<b>9</b>
a – Perpetração e vitimação: que relação e que contexto? .....	<b>16</b>
4 – Impacto/consequências da violência no namoro .....	<b>17</b>
5 – Reacções/respostas da vítima face à violência na intimidade .....	<b>18</b>
<b>PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO</b> .....	<b>22</b>
1 – Objectivos do estudo e questões de partida .....	<b>22</b>
2 – Metodologia .....	<b>23</b>
2.1 – Amostra .....	<b>23</b>
2.2 – Instrumentos .....	<b>24</b>
2.3 – Procedimentos de recolha de dados .....	<b>26</b>
2.4 – Metodologia de tratamento de dados .....	<b>26</b>
3 – Resultados .....	<b>27</b>
4 – Análise e discussão dos resultados .....	<b>34</b>
5 – Limitações e implicações futuras .....	<b>41</b>
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>44</b>

## Índice de quadros

<b>Quadro 1</b> - Perpetração e vitimação dos diferentes tipos de violência.....	<b>28</b>
<b>Quadro 2</b> - Perpetração e vitimação dos diferentes comportamentos apresentados no questionário.....	<b>28</b>
<b>Quadro 3</b> - Violência no namoro como ofensor em função da idade.....	<b>30</b>
<b>Quadro 4</b> - Violência no namoro como vítimas em função da idade.....	<b>30</b>
<b>Quadro 5</b> – Contextos de vitimação .....	<b>31</b>
<b>Quadro 6</b> – Reacções face à violência .....	<b>32</b>
<b>Quadro 7</b> – Reacções face à violência em função do género .....	<b>32</b>
<b>Quadro 8</b> – Aconselhamento para a situação de violência .....	<b>33</b>
<b>Quadro 9</b> – Início da situação violenta .....	<b>34</b>
<b>Quadro 10</b> – Desenrolar da situação violenta .....	<b>34</b>
<b>Quadro 11</b> – Solução para a situação violenta .....	<b>34</b>

## **Introdução**

A violência no namoro, normalmente referenciada na literatura internacional como “dating violence” ou “courtship violence”, foi sendo, progressivamente, considerada um problema social relevante (Callahan, Tolman, & Saunders, 2003), porém este fenómeno ainda permanece pouco visível nos discursos sociais e educativos, quando comparada com a violência marital (Matos, Machado, Caridade, & Silva, 2006). São vários os factores que contribuíram para este facto, tais como as dificuldades associadas à definição de violência e à sua operacionalização, a dificuldade de acesso à população em causa (juvenil) ou a inexistência de um estatuto legal, autónomo deste tipo de violência (Hickman, Jaycox, & Aronoff, 2004).

Inicialmente, a investigação nesta área privilegiava, como âmbito de análise, o ensino universitário (Cleveland, Herrera, & Stuewing, 2003), tendo sido pioneiro o estudo de Makepeace (1981) sobre esta temática, porém depressa se constatou que estes comportamentos violentos podiam ter início em anos anteriores da formação académica (e.g., ensino secundário) ou com o início da adolescência (Cano, Avery-Leaf, Cascardi, & O’Leary, 1998).

A adolescência é considerada uma fase do desenvolvimento do indivíduo que tem início na puberdade e termina com a entrada na idade adulta (Papalia, Olds, & Felman, 2001). Segundo Papalia e colaboradores (2001), “os adolescentes estão no limiar do amor. Precisam de abraçar valores e estabelecer compromissos” (p. 573). Sendo o período em que se iniciam as relações amorosas, é também na adolescência que surgem os primeiros padrões de violência na intimidade (Caridade & Machado, 2006) e que no namoro se revelam mútuos (e.g., Paiva & Figueiredo, 2004; Matos et al., 2006). A adolescência é encarada como um período de grande vulnerabilidade para a ocorrência de violência na intimidade, pois é representada por alterações desenvolvimentais significativas e por uma grande instabilidade emocional. É a fase onde se estabilizam os papéis de género e se acentua o narcisismo, sendo igualmente o período em que os mitos sobre o romance e a intimidade são, de alguma forma, vivenciados (Jackson, Cram, & Seymour, 2000). Assim, vários autores defendem que a violência no namoro existe nos relacionamentos entre adolescentes, sendo um problema social significativo (Callahan et al., 2003; Ehlert, 2007; Jezf, Molidor, & Wright. 1996; Johnson et al., 2005; Straus, 2004). Os resultados presentes na literatura internacional e nacional sobre o fenómeno apresentam índices preocupantes (e.g. Matos et al., 2006). De facto, os estudos mostram que os comportamentos violentos são frequentes nas relações de namoro, situando-

se a taxa de prevalência entre os 22% e os 56% (Magdol, Moffitt, Caspi, Newman, Fagan, & Silva, 1997).

A pertinência do estudo deste tema prende-se com a sua dimensão e o impacto imediato que tem nas vítimas, dada a sua particular fragilidade e desprotecção e, ainda, o facto desta forma de abuso potenciar outras agressões, provavelmente mais graves. (Caridade & Machado, 2010). Deste modo, devido a toda a complexidade e mudança que caracteriza esta fase do desenvolvimento humano (adolescência), parece-nos pertinente estudar a manifestação de comportamentos violentos entre os jovens, através de uma caracterização da problemática, no sentido de perceber o contexto, o impacto e as suas reacções face à violência no namoro. Estes são, pois, os principais objectivos definidos.

Assim sendo, a presente investigação inicia-se com uma breve contextualização e revisão teórica sobre a problemática, com vista a uma adequada compreensão do fenómeno. Para isso, analisou-se estudos levados a cabo ao nível internacional e nacional, procurando sintetizar-se os dados relativos à prevalência, relação entre a vitimização e perpetração, impacto destes comportamentos nos sujeitos envolvidos, possíveis contextos da violência no namoro, bem como as reacções/respostas de *coping* das vítimas face a esta forma de violência. Por último, é apresentado o estudo empírico subjacente à presente investigação e analisados os resultados obtidos à luz das premissas vigentes.

## ***Parte I – Contextualização teórica***

### **1. Clarificação conceptual – adolescência/juvenildade e namoro**

O termo adolescência deriva do latim *adolescere* que significa “crescer, desenvolver-se, tornar-se maior” (Sêco, 1997). É um período de grandes e profundas alterações de natureza biológica, social, psicológica e afectiva, sendo a fase mais crucial do desenvolvimento humano (Fernandes, 1990; citado por Sêco, 1997), é onde tudo acontece simultaneamente. Constitui a fase da vida onde as identidades sexuais e de género emergem e se clarificam (Paul & White, 1990).

Apesar de ser consensual o início da adolescência, o seu fim já é bastante controverso, sendo cada vez mais tardio e variável de pessoa para pessoa (Sêco, 1997; Papalia et al., 2001). A adolescência é um período desenvolvimental bastante importante de aprendizagem de competências sociais e relacionais saudáveis. Durante esta fase, as relações românticas emergem no contexto social, dado que os grupos de pares começam a incluir elementos do sexo oposto (Connolly, Furman, & Konarski, 2000; Hickman et al., 2004). Através destes relacionamentos, os adolescentes começam a satisfazer as suas necessidades de



companheirismo, intimidade, suporte, autonomia e estatuto social (Furman & Wehner, 1997). À medida que os adolescentes sofrem mudanças psicológicas e experienciam alterações nos seus relacionamentos, eles começam a formar atitudes e crenças sobre os relacionamentos interpessoais e de abuso de poder e controlo (Wolfe & Feiring, 2000, citado por Ehlert, 2007). Estas atitudes e crenças servem de base para o desenvolvimento futuro de competências e padrões de comportamento. Nestas condições, o namoro durante a adolescência serve como exercício prático para os relacionamentos adultos (Ehlert, 2007).

Em concordância com a perspectiva do desenvolvimento psicossocial de E. Erickson, Brown (1999) propõe um modelo de relação romântica sequencial na adolescência que se desenvolve em quatro fases. A primeira fase, *iniciação* (aproximadamente entre os 11-13 anos), caracteriza-se por uma elevada centração do adolescente em si mesmo e nas suas competências pessoais, em oposição a uma relação propriamente dita. Na segunda fase, *estatuto* (aproximadamente entre os 13-16 anos), o adolescente é confrontado com a pressão de ter relações românticas, podendo estas funcionar como forma de aceitação ou promoção junto do grupo de pares. Na terceira fase, *afecto* (aproximadamente entre os 17-21 anos), surge uma mudança do foco de orientação do contexto em que a relação ocorre, que se focaliza já na relação em si mesma, passando a existir uma menor preocupação com o estatuto e o prestígio no seio do grupo de pares e um maior investimento emocional e sexual na relação. Finalmente, na última fase, *ligação* (aproximadamente a partir dos 21 anos), o par romântico procura e deseja manter a profundidade da sua relação, alcançada na fase anterior, e projectar-se no futuro. Este modelo defende que até à fase do *afecto*, o adolescente encontra-se muito centrado em si mesmo e na tarefa de construção da sua identidade, perdendo, o grupo de pares, progressivamente, a sua importância no relacionamento íntimo do jovem.

Por seu turno, a relação amorosa é um constructo socialmente definido e, como tal, está intimamente relacionado com a sociedade em que estamos inseridos. Deste modo, essa sociedade estabelece regras que serão comumente aceites pelos indivíduos, quando estes se referem a um relacionamento amoroso (Hendrick & Hendrick, 1992). Muehlenhard e Linton (1987) definiram o namoro como sendo “uma actividade social planeada com o sexo oposto”, ficando o namoro homossexual excluído da definição. Por sua vez, Sugarman e Hotaling (1991, citado por Jackson, 1999) definiram o namoro considerando três dimensões: o compromisso, a interacção futura e a intimidade física, sendo que a variação destas dimensões no namoro é salientado pelos autores como podendo acontecer.

Um dos grandes desafios que se coloca está relacionado com o uso da linguagem, ou seja, os termos específicos que os adolescentes utilizam quando se referem a relações

amorosas/namoro. Estes termos específicos são consistentes com o entendimento e perspectiva dos mesmos jovens relativamente ao tipo de relação mantida (Connolly & McIsaac, 2009). Este aspecto é fundamental para a investigação, no sentido de perceber qual a terminologia mais correcta a utilizar e que vá ao encontro do que pretendemos estudar.

## 2. Definição e formas de violência

Tal como no conceito de relação amorosa/namoro onde existe uma grande diversidade de definições, o mesmo se passa com o conceito de violência, tornando-se, por isso, essencial clarificar o seu significado. Emery (1989) afirma que a definição de um acto como violento ou abusivo é um julgamento social e não uma decisão objectiva. A literatura sobre este tema não é clara na definição de violência e tem sido alvo de alguma controvérsia (Arriaga & Oskamp, 1999; Caridade & Machado, 2006). Sugarman e Hotaling, em 1989 (citado por Lewis & Fremouw, 2001), definiram violência como ameaça ou uso da força física levado a cabo com intenção de causar dor ou ferir o outro no contexto da relação amorosa. Trata-se de uma definição redutora, pois apenas salienta a violência física, não fazendo referência às outras formas de violência, tais como a violência psicológica ou sexual.

Antes de partirmos para outras questões, parece-nos, pois, relevante distinguir e definir os diferentes tipos de violência possíveis de ocorrer dentro das relações de namoro. Uma definição de violência física foi enunciada por Mouzos e Makkai (2004) segundo a qual este tipo de violência inclui tanto as agressões físicas, que se referem ao uso de força física com o propósito de causar dano na vítima, como as tentativas ou as ameaças de uso da força física. São exemplos deste tipo de violência pontapés, bofetada, empurrões, atirar objectos, etc.

No que concerne à violência psicológica, segundo Jenkins e Aubé (2002), diz respeito a qualquer acto não físico realizado com intenção de magoar o parceiro, podendo incluir elementos directos ou indirectos, verbais ou não verbais. Já Straus, em 1979, procurou dar uma definição de violência emocional/psicológica, considerando-a como um conjunto de actos verbais ou não verbais que causam dano simbólico ou com a intenção de causar danos no outro. Neste contexto, surgem comportamentos como insultar, difamar, impedir o contacto com outras pessoas, ameaçar.

Finalmente, a violência sexual pode ser entendida como qualquer tipo de contacto sexual sem consentimento, desde a violação ao controlo dos direitos reprodutores (Abraham, 1999), ou seja, é definida como qualquer acto sexual, esforço para obter um acto sexual, comentários ou investidas sexuais não desejadas e actos de tráfico sexual, através da coação, tentativa ou consumação de uso da força física por qualquer pessoa que tenha uma relação com a vítima (Jewkes, Sen, & Garcia-Moreno, 2002). Neste contexto, comportamentos como

forçar a outra pessoa a manter actos sexuais contra a sua vontade, incitação à prostituição ou práticas sado-masoquistas são exemplos deste tipo de abuso.

Deste modo, a violência, vista de modo global, envolve múltiplas e variadas formas, entre as quais, comportamentos físicos e emocionalmente abusivos ou comportamentos sexualmente abusivos.

### 3. Violência no namoro: dimensão e caracterização

Mais recentemente, tem sido dada uma crescente atenção a aspectos da relação íntima em adolescentes, que revelam dinâmicas de violência entre os parceiros.

A violência no namoro na adolescência é um problema relevante, não apenas devido à alarmante prevalência e às suas consequências na saúde física e mental (Callahan et al., 2003) mas também porque ocorre numa fase da vida onde os relacionamentos românticos estão a iniciar e os padrões inter-relacionais estão a ser apreendidos, podendo passar para a fase adulta (Werkerle & Wolfe, 1999). O namoro na adolescência/juventude será para muitos a sua primeira experiência de relacionamento íntimo e de acordo com Carlson (1987, citado por Jackson, 1999) para 12% dos adolescentes do ensino secundário será um confronto com situações de agressão ou violência, quer seja física, sexual ou psicológica. Por seu turno, outros autores sugerem que a primeira experiência de violência ocorre no liceu (Jackson et al., 2000), sendo por volta dos 15 anos o primeiro episódio de violência (Henton, Cate, Koval, Lloyd, & Christopher, 1983).

Os processos através dos quais se iniciam e/ou mantêm os comportamentos violentos nas relações amorosas dos adolescentes são bastante complexos e a sua compreensão exige uma perspectiva sistémica, articulando diversas dimensões e não esquecendo o cruzamento entre os dois elementos do par (Matos, 2006). As pesquisas mostram que os adolescentes têm diferentes percepções sobre o que constitui abuso e como resultado podem ter dificuldade em identificar um comportamento como abusivo (Levy, 1990, citado por Ehlert, 2007). Levy (1990, citado por Ehlert, 2007) sugeriu que existem vários factores que agravam a violência entre parceiros adolescentes, tais como: a) as pressões, as inseguranças e o romantismo; b) as percepções erradas acerca do ciúme e do controlo; c) a conformidade com os papéis tradicionais de género e d) a falta de experiência. Na mesma linha de pensamento, Callahan e colaboradores, em 2003, defendem que os adolescentes encontram-se num risco ainda maior que os adultos, de sofrer abusos físicos ou psicológicos, devido à sua parca experiência, desejo de independência e a sua confiança no suporte dos pares, também eles inexperientes na temática.

A violência no namoro, inicialmente, era conceptualizada unicamente como envolvendo a força física, porém, actualmente é amplamente reconhecida como um *continuum* de abuso, que vai desde o abuso verbal e emocional até à violação ou homicídio (Hickman et al., 2004), isto é, os adolescentes envolvidos em relacionamentos amorosos experimentam múltiplas formas de violência (e.g., físico, emocional, sexual) (Caridade & Machado, 2006). Porém, segundo a maioria dos estudos, as agressões ocorridas neste contexto são, quase sempre, actos “menos graves” (e.g. Gelles, 1997) de violência (e.g. bofetadas, insultos). Paralelamente, a literatura referencia que a violência tende, igualmente, a aumentar em frequência e gravidade quando a relação se prolonga no tempo, vindo a ser um forte preditor da violência conjugal (Caridade & Machado, 2006). Geralmente, as relações conjugais abusivas vêm a resultar de relações de namoro já abusivas (Matos, 2000).

Estes níveis alarmantes de violência contrastam com o facto de, em geral, os adolescentes apresentarem pouca concordância com o uso da violência nas relações de intimidade (Machado, Matos, & Moreira, 2003). Os rapazes tendem a evidenciar crenças mais legitimadoras, justificando a violência em função do comportamento da rapariga, considerando importante preservar a privacidade, acreditando que a violência poderá ser atribuída a causas externas (e.g. álcool) e minorando a “pequena violência” (Machado et al., 2003). Por seu turno, as raparigas parecem confundir ciúme e controlo com amor, encarando a violência como normal (Cate, Henton, Koval, Christopher, & Lloyd, 1982; Henton et al., 1983; Wolfe, Wekerle, & Scott, 1997).

Apesar de grande expansão da produção científica sobre a violência no namoro, têm sido alcançados resultados extremamente variáveis e de difícil consenso e interpretação (Oliveira & Sani, 2005). Estimar dados de prevalência torna-se, assim, complicado devido a um vasto leque de questões, como, por exemplo, definições inconsistentes de violência no namoro (O’Keefe, 2005), ou seja, falta de uniformização do conceito (Caridade & Machado, 2006) e, ainda, diferentes metodologias usadas nos diversos estudos (Teten, Ball, Valle, Noonan, & Rosenbluth, 2009). Ora, estas variações devem-se ao facto que existirem sempre diferenças a nível da amostra (variações na idade dos participantes), a nível metodológico (variações na técnica de recolha de dados, sendo a mais privilegiada o auto-relato) e a nível da técnica de análise usada, especificamente devido ao facto da maioria dos estudos recorrerem à metodologia do auto-relato. Ora, a desejabilidade social pode afectar o relato dos comportamentos violentos e conseqüentemente lesar as taxas de prevalência (Sugarman & Hotaling, 1989, citado por O’Keefe, 2005). Por outro lado, esta disparidade pode surgir pela mistura dos dados ao nível da perpetração e vitimação, ou seja, qualquer exposição à

violência no namoro, quer seja como perpetrador ou vítima, é meramente tido em conjunto (Hotaling & Sugarman, 1990). Outra explicação plausível para a enorme dispersão de resultados prende-se com a ausência de estudos longitudinais sobre a problemática (Caridade & Machado, 2006).

Grande parte das escalas utilizadas para medir a violência no namoro foram desenvolvidas para ser aplicadas a estudantes universitários ou indivíduos casados, e não se encontram apropriadas para ser usadas com a população mais jovem (Burt, 1980; Finn, 1986; Price, Byers, & The Dating Violence Research Team, 1999). Uma outra limitação prende-se com o facto das investigações se centrarem, de forma limitadora e redutora, no abuso físico, esquecendo os restantes tipos de violência (Gover, 2004). Constata-se, de uma análise da literatura existente, que grande parte da pesquisa efectuada valoriza, preferencialmente, a violência física (Jackson et al., 2000). Na perspectiva de Jackson (1999), avaliar uma só forma de violência resulta numa visão simplista da violência no namoro, limitando o conhecimento real da sua amplitude, sendo, por isso, necessária mais investigação sobre as outras formas de comportamentos abusivos. Estudos que incluem diferentes formas de violência sugerem que estas se encontram associadas (e.g., Sigelman, Berry, & Wiles, 1984, citado por Duarte & Lima, 2006). Outros autores sugerem que esta variação na prevalência do fenómeno se deva ao facto de muitos estudos analisarem a violência na perspectiva de apenas um relacionamento ou recente e outros considerarem a violência que tenha ocorrido em múltiplos relacionamentos (Arias, Samios, & O'Leary, 1987, citado por O'Keefe, 2005). Todas estas diferenças metodológicas tornam difícil a generalização dos resultados, a estabilização de taxas de prevalência e frequência da violência no namoro ao longo do tempo (Teten et al., 2009).

Apesar destas variações, muitos estudos a nível internacional e nacional procuram estimar a prevalência do fenómeno. De acordo com uma revisão da literatura realizada por Caridade (2009) sobre a violência nas relações de intimidade juvenil, verifica-se uma crescente expansão dos estudos epidemiológicos, principalmente nas duas últimas décadas, sobre esta temática.

Em 1981, Makepeace foi pioneiro ao levar a cabo um estudo sobre a prevalência do fenómeno, tendo divulgado os primeiros dados empíricos sobre a violência no namoro, onde um em cada cinco estudantes universitários eram afectados por este tipo de violência e 61% da amostra revelou conhecer alguém com relacionamentos amorosos violentos. Após este estudo, a violência no namoro assumiu progressivamente um lugar de destaque na produção científica internacional (Caridade & Machado, 2010). Uma revisão de dezassete estudos

independentes (Sugarman & Hotaling, 1989, citado por Neves, 2006) sobre a prevalência da violência no namoro entre estudantes universitários concluiu que 1/3 dos estudantes da amostra tinham experienciado relações de namoro abusivas (e.g. Avery-Leaf, Cascardi, O’Leary, & Cano, 1997; Jezl et al., 1996).

De facto, os estudos mostram que os comportamentos violentos são frequentes nas relações de namoro, situando-se a taxa de prevalência entre os 22% e os 56% (Magdol et al., 1997). Outro exemplo é um estudo realizado por Berry (2000, citado por Caridade & Machado, 2006) onde 20% a 30% dos jovens envolvidos em relações de namoro experienciam violência.

Apesar da maioria destes estudos terem sido realizados com estudantes universitários e não obstante os poucos estudos efectuados com adolescentes a frequentar o ensino secundário, estes revelam níveis preocupantes de violência, indo desde os 9% até aos 46% (e.g. Watson, Cascardi, Avery-Leaf, & O’Leary, 2001, citado por Gover, 2004). De facto, estudos empíricos sugerem que entre 20% a 50% dos adolescentes estão envolvidos em algum tipo de relacionamento abusivo (e.g. Connolly & Josephson, 2007). The Center for Disease Control, em 2000 (citado por O’Keefe, 2005), constatou que, aproximadamente, 12% dos estudantes do ensino secundário experienciavam violência física nos seus relacionamentos. Outros estudos encontraram taxas de prevalência da violência no namoro na adolescência que variam entre os 9% e os 57% (e.g. Bergman, 1992; Callahan, 1998; O’Keefe, 2005). Noutro estudo efectuado junto de 635 estudantes com idades entre os 13 e os 18 anos, 36,4% das raparigas e 37,1% dos rapazes que namoravam experienciavam violência física nas suas relações (Molidor & Tolman, 1998; O’Keefe & Treister, 1998).

Mais recentemente, Straus e colaboradores (2002, citado por Caridade & Machado, 2010) conduziram um estudo multicultural que envolveu nove países, entre os quais Portugal. Uma das conclusões a que os autores chegaram é que a violência na intimidade juvenil é um problema à escala mundial, ainda que existam variações nas taxas de prevalência da violência, consoante os países. Deste modo, concluíram que 28,2% dos participantes referiram ter perpetrado algum tipo de violência, tendo Portugal apresentado uma taxa de prevalência da problemática inferior à maioria dos países (20%).

Alguns autores referem as “formas menores” de violência como as mais frequentemente perpetradas no contexto das relações íntimas juvenis (e.g. Callahan, 1998; Matos et al., 2006). Outros consideram que a coerção, a intimidação e o isolamento também são comumente observáveis no namoro (Arriaga & Oskamp, 1999).

Segundo Caridade e Machado (2006), “ao nível nacional, as evidências empíricas corroboram estes dados” (p. 486). Estudos realizados em Portugal com estudantes universitários mostram que uma percentagem significativa evidencia comportamentos violentos nas suas relações de namoro, tanto referente à perpetração como à vitimização, sendo a violência psicológica o tipo mais frequente (53,8 – 50,8%, respectivamente), seguindo-se a agressão sexual (18,9 – 25,6%) e aparecendo com menos frequência o abuso físico, sendo de 16,7 – 15,4% para abuso físico sem sequelas e de 3,8% para o abuso com sequelas (Paiva & Figueiredo, 2004). Em 2003, Machado e colaboradores no seu estudo demonstraram que 15,5% dos jovens envolvidos em relações amorosas já tinham sofrido, pelo menos, um tipo de abuso e 21,7% admitiram ter tentado, de alguma forma, contra os seus parceiros íntimos.

Além do contexto universitário, a nível nacional algumas investigações da problemática já foram realizadas recorrendo a amostras de adolescentes ou estudantes do ensino secundário (Caridade & Machado, 2010), corroborando estes estudos nacionais, os dados presentes na literatura internacional sobre a violência no namoro entre adolescentes.

No que diz respeito ao género e à sua relação com a violência no namoro, Straus e colaboradores (2002, citado por Caridade & Machado, 2010), no seu estudo concluíram que 28,2 % dos participantes reportaram ter perpetrado algum tipo de abuso, sendo 27,7% do género masculino e 28,7% do género feminino, não sendo considerado uma diferença estatisticamente significativa.

Dobash e Dobash (2004) sustentam a ideia que, por um lado, a violência é simétrica (os perpetradores tanto podem ser homens como mulheres) e que, por outro lado, a violência é assimétrica (e.g. principalmente infligida por homens), poderá dever-se às diferentes metodologias e conceptualizações utilizadas nos estudos. Deste modo, autores como Molidor e Folman’s (1998, citado por Caridade & Machado, 2006) afirmaram que não existem diferenças quantitativas entre géneros relativamente à perpetração de comportamentos violentos, contudo as raparigas experienciam níveis mais elevados de violência severa e têm reacções emocionalmente mais acentuadas que os rapazes. A título de exemplo, Nutt, em 1999 (citado por Caridade & Machado, 2006) postulou que as diferenças de género começam a acentuar-se na adolescência. Já Machado e colaboradores (2003) justificaram que o facto destas diferenças entre sexos não serem significativas no contexto de namoro e o serem nas relações conjugais poderá dever-se a dois motivos: por um lado, a população juvenil poder apresentar mais crenças igualitárias relativamente aos papéis de género, por outro pelas

transformações estruturais associadas ao casamento (e.g. filhos, dependência económica), que possam aproximar mais os casais aos padrões tradicionais de género.

Todavia, num estudo levado a cabo por Gallopin e Leigh, em 2009, usando a metodologia de Focus Group, constataram que todos os participantes acreditavam que as raparigas eram mais vítimas de violência no namoro que os rapazes, o que sugere uma proximidade com os padrões tradicionais de género existentes. Estes dados corroboram as estatísticas existentes sobre a vitimação (APAV, 2011) que apontam para um maior número de vítimas do sexo feminino. Na sua investigação, Foshee (1996) concluiu que as raparigas relatam mais abusos que os rapazes, nas suas relações de namoro.

Dados contraditórios foram alcançados no estudo levado a cabo por Oliveira e Sani (2005), onde os rapazes afiguram-se como sendo mais vitimizados pelas companheiras, no que se referia aos abusos físicos e psicológicos. Dentro da mesma linha, vários estudos concluíram que as raparigas infligem mais violência física que os rapazes, ou pelo menos, reportam mais a perpetração da violência (Foshee, 1996; Gray & Foshee, 1997; Malik, Sorenson, & Aneshensel, 1997; O'Keefe, 2005).

Uma possível explicação para as elevadas taxas de perpetração nas raparigas pode passar pelo recurso a actos de violência “menor”, desculpabilizados pela sua menor força física, crença que este não irá retaliar ou que não irão magoar o parceiro (Magdol et al., 1997). Por outro lado, a existência de estereótipos culturais que minimizam ou chegam a romantizar a pequena agressão feminina (vista como acto de descontrolo ou de afecto), podem também explicar os resultados (Machado et al., 2003). As evidências sugerem que as raparigas e as mulheres são mais susceptíveis de sofrer formas mais severas de violência pelos seus parceiros (Teten et al., 2009).

Alguns estudos relevam diferenças de género quando se refere à violência sexual. As raparigas são, significativamente, mais vítimas de abuso sexual que os rapazes, tendo estes o papel predominantemente de ofensores neste tipo de violência (Bergman, 1992; Foshee, 1996).

No que concerne à idade, de uma forma geral, os resultados das investigações confirmam que a violência nas relações de intimidade vai desde a pré-adolescência até à idade adulta (Caridade & Machado, 2006). Autores como Wolitzky-Taylor e colaboradores (2008, citado por Teten et al., 2009) defendem que raparigas adolescentes mais velhas relatam mais frequentemente vitimação nas suas relações que adolescentes mais novas. Lucas (2002, citado por Caridade, 2008), no seu estudo cuja amostra compreendia adolescentes entre os 12 e os 17 anos, constatou que os jovens mais velhos eram mais agressivos. Porém, outros autores



sugerem que não existe diferenças entre a idade e a violência no namoro (Bergman, 1992; Callahan, 1998).

Quando o foco da investigação é o tipo de violência presente, comportamentos físicos, emocionais e sexualmente abusivos estão presentes em muitos namoros de adolescentes. A variação de resultados nos diferentes estudos baseia-se no tipo de violência estudado, sugerindo uma tendência no sentido que a violência emocional/psicológica é o tipo mais comum, seguido da violência física e, por fim, a agressão sexual (Teten et al., 2009). Porém, dentro de cada tipo de violência, pequenas formas de violência tendem a ser mais frequentes do que abusos severos (O'Keefe & Treister, 1998).

Segundo Price e colaboradores (1999), após uma análise de vários estudos, concluíram que o recurso a comportamentos fisicamente abusivos varia entre os 9% (Roscoe & Callahan, 1985) e os 43% (O'Keefe, 1997), relativamente aos comportamentos emocionalmente abusivos estes variam entre os 11% (Bergman, 1992) e os 15% (Mercer, 1988) e no que concerne aos comportamentos sexualmente abusivos, estes variam entre os 16% (Bergman, 1992) e os 20% (Mercer, 1988). O National Longitudinal Study of Adolescent Health (Halpern, Oslak, Young, Martin, Lawrence, & Kupper, 2001, citado por Caridade, Machado, & Vaz, 2007), que contemplava uma amostra de 7500 adolescentes apurou que a maioria dos comportamentos violentos envolvia violência psicológica, aparecendo a violência física relatada em 12% dos casos. Dados análogos foram encontrados na investigação levada a cabo por Paiva e Figueiredo (2004), a nível nacional, onde a predominância da violência psicológica era evidente, face às outras formas de violência. Straus e colaboradores (2002, citado por Caridade & Machado, 2010), no seu estudo concluíram que 9,7% da amostra estavam presentes formas mais severas de abuso.

Estima-se que as agressões sexuais durante uma relação de namoro variam entre os 15% até 78% (e.g. Foshee, 1996; Muehlenhard & Linton, 1987; Vicary, Klingaman, & Harkness, 1995).

Torna-se imperativo salientar a violência sexual, apesar de um pouco posta à parte em detrimento das outras formas de abuso, uma vez que tem vindo a ser documentada na literatura como comportamentos que apresentam uma elevada prevalência, mas tem sido igualmente referenciado o impacto e as consequências prejudiciais que poderá trazer para as suas vítimas (Caridade & Machado, 2008). A violência sexual, numa relação de namoro, não é exclusiva do contexto universitário, podendo ocorrer em grupos etários mais novos (Jackson et al., 2000), nomeadamente entre adolescentes ao nível do secundário (e.g. Caridade & Machado, 2008). De acordo com Vicary e colaboradores (1995), a inexperiência e

imaturidade dos adolescentes faz com que estes se tornem particularmente vulneráveis e em risco de serem vítimas de violência sexual por parte dos seus parceiros, sendo que, no seu estudo, os autores constataram que 35% das participantes femininas referiram ter sido vítimas de algum tipo de agressão sexual. Num estudo cuja amostra contemplava 600 adolescentes com idades entre os 15-19 anos (Serquino-Ramiro, 2005, citado por Caridade & Machado, 2008), verificou-se que 64% dos sujeitos tinham praticado ou experimentado algum tipo de pressão ou coerção sexual nos seus relacionamentos. Outra investigação envolvendo jovens a frequentar o ensino secundário apurou que 77% das jovens do sexo feminino já tinham vivenciado alguma forma de abuso sexual nas suas relações amorosas (Jackson et al., 2000).

Um aspecto menos explorado na investigação nesta área é a relação entre a tipologia de ensino frequentado e a violência no namoro. No estudo levado a cabo por Caridade, em 2008, onde a amostra contemplava sujeitos do ensino universitário, secundário e profissional, os resultados obtidos mostram que ao nível da violência física existiam diferenças estatisticamente significativas, tanto na vitimação como na perpetração, no sentido de uma maior preponderância no ensino profissional. Igual relação foi encontrada ao nível da vitimação física severa. Quando reportado às relações passadas, as diferenças foram significativas, no sentido de uma maior representação no ensino profissional, quer ao nível da vitimação quer da perpetração, de violência física e emocional.

a. Perpetração e vitimação: que relação e que contexto?

Algumas investigações sobre namoros violentos mostraram que a agressão no namoro reflecte comportamentos agressivos de ambos os parceiros, sugerindo um processo interactivo em vez de um processo unidireccional (Marcus, 2008). É pertinente perceber que a violência não é, exclusivamente, unidireccional, pois nem todas as vítimas são passivas e a resposta à agressão surge, não raras vezes, com um pressuposto defensivo, retaliatório ou mesmo estratégico, tornando-se elas próprias ofensores (Straus, 1993, citado por Holden, 1998, *in* Oliveira & Sani, 2005).

Alguns estudos sustentam que a violência nas relações entre adolescentes se instituem por comportamentos de agressão física e emocional de ambas as partes, sendo tendencialmente recíproca, não se diferenciando a vítima do perpetrador (e.g. Avery-Leaf et al., 1997; Bergman, 1992; Feiring, Deblinger, Hoch-Espada, & Hayworth, 2002; Foshee, 1996; Teten et al., 2009), isto é, com ambos os géneros a perpetrarem e a serem vítimas de comportamentos violentos, podendo isso decorrer do mesmo relacionamento e verificando-se, deste modo, padrões mútuos de violência (e.g. Ehlert, 2007; Machado et al., 2003; Matos et al., 2006; O'Keefe, 2005; Paiva & Figueiredo, 2004). Num estudo com 355 estudantes

universitários, Cate e colaboradores. (1982) constataram que, em 68% dos casos em que a violência ocorre, cada parceiro foi, tanto vítima como perpetrador de violência. Bookwala e Zdaniuk (1998, citado por Smith, 1999) verificaram que 55,7% da sua amostra reportou violência mútua. Este padrão de violência parece ser, igualmente, relevante entre os estudantes do ensino secundário. Henton e colaboradores, em 1983, no seu estudo com população do ensino secundário, constatou que 71% se identificavam como perpetradores e vítimas, o que parecia apontar para um padrão de violência recíproco. Gray e Foshee (1997) na sua investigação levada a cabo com estudantes do ensino secundário apuraram que 14,3% eram apenas vítimas, 19,5% eram apenas ofensores e 66,2% referiram mútua violência. Outro estudo com população deste nível de ensino (O'Keefe, 1997) mostrou que 42% das raparigas e 48% dos rapazes afirmaram que ambos os parceiros eram igualmente responsáveis pelo início da violência. Aldrighi, no seu estudo, em 2004, verificou que 72,4% das situações de agressão, o abuso era mútuo.

O contexto do incidente violento deve ser tido em conta, normalmente as raparigas infligem violência como auto-defesa (Hickman et al., 2004) e tendem a exagerar no relato da situação, assumindo a culpa e a maior responsabilidade pela violência na intimidade (Jackson, 1999). Por seu turno, os rapazes tendem a desvalorizar, negar ou minimizar os seus comportamentos violentos (O'Keefe, 2005). Molidor e Tolman (1998) verificaram, no seu estudo, que 70% das raparigas afirmaram que foi o seu parceiro que iniciou a violência, enquanto que 27% dos rapazes indicaram que tinha sido a sua parceira a iniciar o abuso. Estes dados sugerem que muito da perpetração de violência nas mulheres ocorre como auto-defesa.

Em 1997, O'Keefe no seu estudo constatou que o principal motivo para os adolescentes justificarem a violência é a raiva, seguido, nas raparigas, como um comportamento de auto-defesa (e.g. Foshee, 1996; Machado et al., 2003; Smith, 1999), e nos rapazes o desejo de ter o controlo das suas parceiras (e.g. Makepeace, 1986, citado por Smith, 1999).

#### 4. Impacto/consequências da violência no namoro

A violência nas relações de namoro juvenis apresenta um vasto leque de consequências para as suas vítimas, o que pode resultar numa séria ameaça à saúde física e mental dos jovens adolescentes. Frequentemente, a vitimação desencadeia nos indivíduos problemas de regulação emocional, bem como leva a uma diminuição da auto-estima (Rush, 2000, citado por Paiva & Figueiredo, 2003) e do auto-conceito dos adolescentes (Ackard & Neumark-Sztainer, 2002, citado por Teten et al., 2009). Para ambos os sexos, a vitimização

está relacionada com uma diminuição do bem-estar psicológico (Callahan et al., 2003) e da qualidade de vida (Campbell, 2002; Teten et al., 2009).

Raparigas adolescentes que vivenciaram violência no namoro tornaram-se mais susceptíveis de experienciarem sentimentos de tristeza e desânimo, consideraram ou tentaram o suicídio, envolveram-se em brigas ou começaram a ser portadoras de uma arma, começaram a consumir substâncias (e.g. tabaco, álcool, substâncias ilícitas) ou encetaram comportamentos sexuais de risco (Howard & Wang, 2003). Ainda relativamente ao sexo feminino, outros estudos evidenciaram o contributo deste tipo de violência para o desenvolvimento de Stress Pós-Traumático e comportamentos dissociativos (e.g. Callahan et al., 2003; Campbell, 2002). Foshee, em 1996, verificou que as raparigas reportam mais consequências emocionais negativas, incluindo um grande medo pela sua segurança.

No que concerne aos jovens adolescentes masculinos, aqueles que foram vítimas de violência no namoro ficaram mais susceptíveis de se envolverem em brigas, de experienciar sentimentos de tristeza e desânimo, abuso de substâncias (Howard & Wang, 2003), e vivenciaram ansiedade, depressão e Stress Pós-Traumático (Callahan et al., 2003).

Ao nível académico, as vítimas começam a perder objectivos educacionais e vocacionais, o que se traduz no insucesso escolar e/ou absentismo (Paiva & Figueiredo, 2003; Teten et al., 2009).

Segundo o estudo de Henton e colaboradores (1983), a raiva, a mágoa e a ansiedade são os sentimentos mais referidos pelos estudantes. A curto prazo, as experiências de violência conduzem a um leque de sintomas e reacções emocionais, incluindo medo e raiva, isolamento e mal-estar emocional (Koss, 1993, citado por Paiva & Figueiredo, 2003). A longo prazo é de salientar o risco de vitimação subsequente, não só em relação ao abuso físico, mas também ao abuso sexual (Paiva & Figueiredo, 2003).

Assim, pode-se constatar que os efeitos nefastos da exposição à violência no namoro são danosos para ambos os sexos.

##### 5. Reacções/respostas da vítima face à violência na intimidade

Inicialmente as investigações acerca dos comportamentos de procura de ajuda na violência íntima eram, tipicamente, focadas em mulheres em casas de abrigo vítimas de violência doméstica (Ashley & Foshee, 2005) e/ou vítimas adultas (Coker, Derrick, & Lumpkin, 2000), com conclusões mostrando que (a) muitas vítimas não procuram ajuda e (b) aquelas que procuram ajuda, frequentemente, escolhem família e amigos em vez de serviços formais de ajuda (e.g. Gondolf, 1998). A procura de ajuda pode ser entendida de acordo com três categorias de suporte social ou ajuda: (a) suporte emocional (aceitação, compreensão, ou

encorajamento), (b) ajuda informativa (conselhos no auxílio da resolução do problema), e (c) assistência instrumental (ajuda com tarefas e contribuição de recursos materiais) (Spacapan & Oskamp, 1992, citado por Ashley & Foshee, 2005).

Porém, especificamente, os comportamentos de procura de ajuda nos adolescentes vítimas de violência no namoro estão pouco explorados (Ashley & Foshee, 2005). Contudo, a pesquisa mostra que é improvável o relato da experiência de abuso neste contexto, uma vez que os adolescentes raramente reconhecem o abuso devido, em parte, à pouca experiência com relacionamentos íntimos (Ehlert, 2007; Hickman et al., 2004). Mesmo quando reconhecem esses comportamentos abusivos eles são bastante relutantes na procura de ajuda a adultos significativos (pais, professores ou psicólogos) (e.g. Ehlert, 2007; Gelles, 1997). Logo, estes comportamentos podem perpetuar o ciclo da violência. Se os adolescentes não forem capazes de reconhecer o comportamento abusivo ou não o perceberem como abusivo, é pouco provável que sinalizem o acontecimento e tomem as devidas medidas para alterarem o seu comportamento (Ehlert, 2007). Este aspecto que contribui para a discrepância entre os relatos de violência no namoro e a ocorrência desses abusos, pois prende-se com os equívocos sobre o que constitui violência.

Estudos anteriores mostraram que os adolescentes, em geral, preferem comportamentos de procura de ajuda informais (Boldero & Fallon, 1995). As normas e valores dos pares encorajam a procura de ajuda dentro da rede social informal dos amigos e familiares, em vez da procura de ajuda mais formal (Ashley & Foshee, 2005). Os adolescentes envolvidos em namoros violentos podem não procurar ajuda em serviços formais, porque têm medo de ser acusados e têm a crença que a informação não será confidencialmente mantida (Ashley & Foshee, 2005). Henton e colaboradores (1983), no seu estudo, investigaram igualmente se as vítimas de violência contaram a alguém o sucedido, chegando à conclusão que amigos, pessoas não familiares e psicólogos são as pessoas mais procuradas para falar a violência que sofreram. Peterson e Olday (1992, citado por Jackson et al., 2000) também observaram que as mulheres falam mais com outros, do que os homens. Outras investigações corroboram estes resultados, defendendo que as raparigas procuram mais ajuda, no caso de vitimação no contexto de relacionamento íntimo, que os rapazes (Ashley & Foshee, 2005; Boldero & Fallon, 1995). Esta premissa é igualmente defendida por Cohall (1999, citado por O'Keefe, 2005), segundo o qual os adolescentes raramente contam o incidente aos pais, ou seja, adultos que poderiam ajudar na resolução da situação. Estes dados são corroborados pelo estudo de Gallopín e Leigh (2009) segundo o qual, e na perspectiva dos adolescentes, todos concordaram com o facto de que primeiro contariam a um amigo, antes de

contar ao pais, justificando esta afirmação pelo medo do julgamento e vergonha associados à exposição da situação de abuso aos pais. Estas conclusões são partilhadas por outros autores (e.g. Ashley & Foshee, 2005; Bergman, 1992; Smith, 1999). Weidmer, Ocampo, Shelley, & Jaycox (2007, citado por Weisz & Black, 2009) apuraram que apenas 8% dos estudantes do ensino secundário usam fontes formais de ajuda, tais como professores, psicólogos ou polícia, quando confrontados com agressões no namoro. Estes dados são consistentes com a generalidade da literatura sobre procura de ajuda, que indica que os adolescentes raramente falam com adultos sobre os seus problemas inter-pessoais (Boldero & Fallon, 1995).

Apesar de os jovens serem relutantes em falar com outros sobre as suas experiências de violência na intimidade, aqueles que o fazem consideram que foi benéfico. Jackson e colaboradores (2000) verificaram que os adolescentes que falaram com outras pessoas sobre a situação de violência que viveram, consideraram que foi positivo, porque sentiram-se apoiados. Infelizmente, o suporte social e conselhos que os adolescentes recebem dos seus amigos nem sempre é vantajoso no aumento da segurança e diminuição da culpa da vítima. Da amostra de estudantes do estudo supracitado, apenas 25% relatam uma mudança no relacionamento, após terem falado com alguém acerca do abuso (Jackson et al., 2000).

Os dados nacionais seguem a mesma linha de resultados encontrados na investigação internacional. De acordo com Caridade e Machado (2006), poucos são os jovens envolvidos em situações de abuso que procuram ajuda (as estimativas rondam os 9%). Paiva e Figueiredo, em 2003, também reportaram este facto, mencionando que a maioria das vítimas não procura assistência médica para o tratamento das sequelas decorrentes do abuso.

Da literatura sobre a violência entre parceiros íntimos, remetendo-se à vitimação feminina adulta, os comportamentos de procura de ajuda são uma forma da mulher lidar com a violência (Shannon, Logan, Cole, & Medley, 2006). De facto, algumas investigações sugerem que estes comportamentos das mulheres podem estar relacionados com os seus estilos de *coping*<sup>1</sup> (Gondolf, 2002, citado por Shannon et al., 2006). Tipicamente, as estratégias de *coping* são conceptualizadas como focadas no problema<sup>2</sup> ou focadas na emoção<sup>3</sup> (Lazarus & Folkman, 1984; Shannon et al., 2006). Os estilos de *coping* podem influenciar os comportamentos de procura de ajuda formais ou informais, bem como o tipo de ajuda que será procurada (Shannon et al., 2006). Pape e Arias, em 1995, no seu estudo

---

<sup>1</sup> Segundo Lazarus e Folkman (1984) o *coping* pode ser definido como um conjunto de esforços, cognitivos e comportamentais, utilizados para lidar com exigências específicas, externas ou internas, que são avaliadas como excedentes dos recursos pessoais (situações *stressantes*).

<sup>2</sup> Estratégias de *coping* focadas no problema reflectem esforços cognitivos e comportamentais com o intuito de lidar e resolver uma situação geradora de *stress*, ou seja, visam a resolução do problema através da alteração da fonte de *stress* (Lazarus & Folkman, 1984).

<sup>3</sup> Estratégias de *coping* focadas na emoção incluem esforços cognitivos e comportamentais para evitar pensar sobre a situação *stressante* ou com o objectivo de lidar com o desconforto emocional causado pelo *stress* (Lazarus & Folkman, 1984).

concluíram que as vítimas de violência na intimidade recorrem a estratégias de *coping* de ambas as categorias (focadas no problema ou na emoção). A escolha da estratégia de *coping* parece ser afectada pela surpresa, confusão e ansiedade experienciadas numa situação violenta.

A vitimação na violência no namoro pode ter efeitos indirectos no bem-estar psicológico, através do impacto nos comportamentos de *coping* usados para responder à violência (Mitchell & Hodson, 1983, citado por Callahan, 1998). Existem estudos que investigaram as respostas de *coping* dos adolescentes quando são vítimas de violência no namoro. Henton (1983) na sua investigação constatou que as vítimas, geralmente, conversaram com o seu parceiro (51,4%), lutaram como reacção de auto-defesa (47,2%), choraram (44,4%), abandonam o local (38,9%) ou moveram-se para fora do alcance do ofensor (26,4%). Por seu turno, Molidor e Tolman (1998) no seu estudo verificaram que as raparigas relatam que, como resposta à violência, choraram (40,2%), reagiram em auto-defesa (35,9%), obedeceram (12%) ou fugiram (11,1%). Por sua vez, os rapazes, no mesmo estudo, afirmaram que perante a violência riram-se (53,8%) ou ignoraram o incidente (30,8%).

Outra estratégia de *coping* usada como resposta à violência é terminar o relacionamento violento (Callahan, 1998). Roscoe e Kelsey (1986, citado por Callahan, 1998) verificaram que depois de a violência ocorrer, 73% dos namoros terminaram, 20% continuaram iguais e 7% a relação piorou. O'Keefe e colaboradores (1986, citado por Callahan, 1998) constataram na sua investigação que 30% das vítimas afirmaram que a violência não teve efeito no relacionamento, 33% afirmaram que piorou a relação, 21% afirmaram que melhorou o namoro e 12% relataram que terminaram a relação. Burcky e colaboradores (1988, citado por Callahan, 1998) verificaram que depois de um episódio violento, 10% dos relacionamentos continuaram na mesma, 10% tornaram-se mais, profundamente, envolvidos e 58% terminaram. Claramente, terminar a relação é uma das respostas possíveis para lidar com a violência no namoro, contudo não é necessariamente uma das respostas mais frequentes (Callahan, 1998).

Similarmente aos resultados encontrados por Mitchell e Hodson (1983, citado por Callahan, 1998), vítimas de violência mais severa é expectável que utilizem mais o evitamento e estratégias de *coping* focadas na emoção do que vítimas de formas menores de violência.

Outro dado interessante da problemática é que a investigação na área sugere que entre 20% a 80% dos participantes que evidenciam violência nos seus relacionamentos íntimos permanecem na relação após o incidente violento (Smith, 1999).

Em jeito de síntese do que foi exposto, a violência no namoro é um fenómeno complexo, pois é influenciado por inúmeras variáveis. Todavia, existem algumas conclusões gerais sugeridas pela investigação: (a) a violência no namoro existe entre os estudantes do ensino secundário e universitário, (b) as raparigas podem reportar serem mais ofensoras do que os rapazes, contudo não significa que as mulheres são mais violentas que os rapazes, apenas que relatam mais esses acontecimentos (c) a violência no namoro é frequentemente mútua, (d) a severidade dos abusos é, normalmente, mínima ou moderada, (e) geralmente é um problema que permanece escondido do público, pois as vítimas raramente expõem o problema às autoridades.

## ***Parte II – Estudo Empírico***

### **1. Objectivos do estudo e questões de partida**

Tal como explanado anteriormente, a questão da violência do namoro carece ainda de investigação, pois é algo relativamente recente, principalmente no que toca à realidade portuguesa.

Sendo assim, no estudo empírico apresentado pretendeu-se realizar uma caracterização do fenómeno no concelho de Gondomar, no sentido de recolher dados sobre a prevalência da problemática no concelho, bem como obter uma compreensão mais aprofundada da violência no namoro. Dado existir suporte empírico neste sentido, é salientada a necessidade de proceder a uma avaliação integrada de diversos tipos de violência de modo a compreender a verdadeira natureza e extensão do problema (Jackson, 1999). Por outro lado, vários estudos sugerem que as diferentes formas de comportamentos abusivos se encontram relacionadas (e.g., Sigelman, Berry, & Wiles, 1984, citado por Duarte & Lima, 2006).

Outro dos objectivos centrou-se na ideia da violência mútua, tentando perceber a sobreposição entre vitimização/perpetração. Alguns estudos salientam a reciprocidade da violência, assumindo o sujeito papel de vítima e de agressor na maior parte das situações (Avery-Leaf et al., 1997; Feiring et al., 2002; Gray & Foshee, 1997).

Por outro lado, segundo Machado e colaboradores (2003) “as questões da motivação e do contexto em que surge a violência no namoro raramente são abordadas pelos estudos feitos até este momento” (p. 11), por esse motivo a variável contexto de vitimação é analisado no presente estudo.

Finalmente, teve, igualmente, como objectivo tentar perceber, de uma forma mais aprofundada, a temática da violência, nomeadamente através das respostas/reacções adoptadas pelos jovens face à violência numa relação amorosa, ou seja, pretendeu-se indagar sobre as



respostas de *coping* mais frequentes utilizadas pelos jovens. Segundo Gelles (1997), as vítimas de violência são relutantes em falar com outras pessoas sobre o sucedido, mas quando o fazem optam por amigos, não familiares ou professores. Esta ideia foi igualmente defendida anteriormente por outros autores, nomeadamente Henton e colaboradores, em 1983.

Mais concretamente visaram-se os seguintes objectivos:

- i. identificar a taxa de prevalência da violência no namoro no concelho de Gondomar;
- ii. analisar a relação entre a vitimização e a perpetração na violência na intimidade, nomeadamente ao nível da adopção dos papéis de vítima, perpetrador ou sobreposição de ambos;
- iii. identificar os tipos de violência presentes na violência no namoro;
- iv. identificar factores sócio-demográficos (e.g., sexo, idade) e formativos (e.g., tipologia de ensino) associados aos comportamentos violentos nas relações íntimas;
- v. identificar os contextos mais frequentes de vitimação e averiguar a sua relação com o tipo de abuso e em função dos factores sócio-demográficos já referidos;
- vi. descrever as reacções dos jovens perante a violência no namoro, procurando identificar as reacções/respostas mais frequentes.

Enunciando-se, no seu seguimento, as seguintes hipóteses de investigação:

H<sub>1</sub>: Espera-se que seja maior a percentagem de vítimas/ofensores (reciprocidade da violência) do que apenas vítimas e ofensores.

H<sub>2</sub>: Espera-se que a violência emocional/psicológica seja o tipo de violência mais frequente no namoro, em detrimento da violência física e sexual.

H<sub>3</sub>: Espera-se que as raparigas sejam mais vítimas de violência que os rapazes.

H<sub>4</sub>: Espera-se que os mais velhos recorram mais à violência que os mais novos.

H<sub>5</sub>: Espera-se que os adolescentes do ensino profissional recorram a mais violência que aqueles que frequentam o ensino regular.

H<sub>6</sub>: Espera-se que os jovens falem mais sobre os seus relacionamentos violentos com amigos e não familiares do que com os pais ou professores.

H<sub>7</sub>: Espera-se que as raparigas falem mais sobre as situações abusivas no namoro que os rapazes.

## 2. Metodologia

### 2.1. Amostra

Neste estudo, pretendeu-se obter a colaboração de jovens que já se tenham envolvido em situações de violência no âmbito das suas relações amorosas. Segundo Henton e colaboradores (1983), o primeiro episódio de violência ocorre geralmente aos 15 anos, apesar das origens deste tipo de violência possam surgir antes. Outros estudos (e.g., Callahan et al., 2003; Cano et al., 1998; Jackson et al., 2000) defendem que a violência no namoro pode surgir durante os anos mais iniciais da formação dos jovens, nomeadamente durante o ensino secundário. Estes dados são corroborados com estudos que analisam as diferentes faixas desenvolvimentais, segundo os quais este tipo de abuso poderá ter início na pré-adolescência, passando pela adolescência até à idade adulta (Caridade, 2008).

Deste modo, pretendeu-se obter participantes em estabelecimentos de ensino secundário, contemplando os três anos de formação. A amostra utilizada neste estudo contemplou os alunos de quatro Escolas Secundárias do ensino público e todas pertencentes ao concelho de Gondomar, das cinco escolas existentes neste concelho. A amostra é intencional, ou seja, por conveniência, na medida em que é constituída por indivíduos, que por se encontrarem num determinado local e momento preciso, são facilmente acessíveis, sendo que cada um tem uma probabilidade diferente de ser escolhido como elemento pertencente da amostra (Fortin, 2003). Participaram na presente investigação 668 estudantes, tendo sido excluídos da análise 498 por nunca se terem envolvido em situações de violência na intimidade ( $n=495$ , 74,1%) ou por um incorrecto preenchimento do questionário ( $n=3$ , 0,4%).

Os 170 sujeitos remanescentes (25,4%) e sobre os quais este estudo incidiu, tinham idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos ( $M=16,42$  e  $DP=1,05$ ), sendo 62,9% raparigas e 37,1% rapazes. A distribuição dos sujeitos pelos anos escolares está praticamente homogénea, verificando-se apenas um maior número de participantes do 10º ano (40,6%), no 11º ano (30%) e no 12º ano (29,4%), todavia no que concerne à tipologia de ensino frequentada esta é maioritariamente o ensino regular (78,2%), estando os restantes no ensino profissional.

Pode-se verificar, na amostra de adolescentes, uma elevada preponderância das profissões não ou pouco qualificadas, quer relativo à profissão da mãe (36,4%) quer à do pai (34%), de acordo com a Classificação Nacional de Profissões.

## 2.2. Instrumentos

O inquérito por questionário constitui uma das técnicas de recolha de informação mais utilizada no âmbito da investigação, visto que permite o tratamento quantitativo das informações e posterior trabalho estatístico. É uma técnica algo limitada no que diz respeito à variedade de questões e respostas obtidas, no entanto, resolveu-se privilegiar este instrumento,

pelo facto de permitir um conjunto alargado de respostas, a um conjunto alargado de perguntas e de inquiridos. Como vantagens, o uso do questionário garante o anonimato, condição indispensável para a autenticidade das respostas e pode ser definido um prazo adequado para a sua entrega, uma vez que não é necessária uma relação directa entre o investigador e o sujeito inquirido.

O instrumento utilizado neste estudo é uma versão adaptada do Inventário de Comportamentos de Violência nas relações íntimas - IVC-2 (C. Machado, M. Matos, & M. Gonçalves, 2001; Universidade do Minho) - *Versão para investigação*, previamente construído e estudado para avaliar os comportamentos de violência nas relações íntimas (Machado et al., 2003). Este instrumento está dividido em duas partes, sendo cada uma composta por 21 itens, onde se pretende analisar as relações amorosas passadas e a relação afectiva actual, dos participantes. Os itens reflectem comportamentos abusivos no contexto de relacionamentos íntimos, nomeadamente comportamentos físicos e emocionalmente abusivos, comportamentos sexualmente abusivos, eventualmente dirigidos pelos participantes ao seu parceiro e/ou recebidas deste. Em ambas as partes é pedido aos participantes que refiram a frequência dos comportamentos violentos, quando estes existem, permitindo distinguir a sua prevalência no momento actual e ao longo da vida.

Em suma, o IVC-2 possibilita-nos estabelecer a taxa de prevalência de vários actos de violência física perpetrados e recebidos por parte de parceiros afectivos; a taxa de prevalência de diversos actos de abuso emocional exercidos e recebidos; e a taxa de prevalência da violência sexual cometida e recebida nestas relações (Machado et al., 2003).

A adaptação deste inventário ao estudo empírico em causa deveu-se à necessidade de adequar o inventário à população em causa (adolescentes dos 15 aos 19 anos). Assim sendo, as adaptações passaram por: (1) ao nível da linguagem utilizada nas instruções fornecidas aos participantes; (2) utilização de apenas uma das partes do IVC-2 (visto que a distinção relações amorosas passadas ou presentes não era relevante); (3) retirada de um item da escala (*item 19 - Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidianas*), visto este item não se ajustar à população em estudo.

Por outro lado, foi ainda necessário anexar ao inventário uma segunda parte onde constam questões de resposta aberta, relacionadas com as reacções possíveis caso tenha sido vítima de algum dos comportamentos anteriormente descritos no IVC-2. Pedia-se, igualmente para os participantes se reportarem a um incidente crítico e responderem a questões relacionadas com o mesmo.

A escolha por este instrumento baseou-se no facto de ser um instrumento construído especificamente para a população portuguesa e de já terem sido realizados diversos estudos com este instrumento aplicado à população juvenil (e.g. Caridade, 2008; Caridade et al., 2007; Machado et al., 2003; Oliveira & Sani, 2005)

### 2.3. Procedimentos de recolha de dados

Numa primeira fase, foi formalizado um pedido de colaboração ao Director de cada Escola Secundária do concelho de Gondomar (anexo 1), por escrito, para a realização do estudo e aplicação dos instrumentos aos alunos, onde se explanou os objectivos do estudo, enfatizando a confidencialidade do mesmo.

Posto isto, foi solicitada a colaboração de todos os directores de turma, no sentido de se obter o consentimento informado dos representantes legais dos alunos, mediante envio e devolução da autorização devidamente assinada (anexo 2).

A recolha de dados foi efectuada durante ano lectivo 2010/2011, entre os meses de Novembro 2010 e Maio 2011, procedendo-se à administração dos questionários em contexto de sala de aula, tendo sido preenchidos individualmente por cada participante. A cada grupo de alunos foi explicado o objectivo do estudo e o seu carácter anónimo e confidencial.

Para além destas autorizações, foi submetido um pedido de autorização para a utilização do instrumento de avaliação usado neste estudo em meio escolar à entidade responsável, Serviços de Inovação Educativa – monitorização de inquéritos em meio escolar<sup>4</sup>, tendo sido autorizada a sua aplicação, dado que de acordo com a avaliação feita, cumpre com os requisitos de qualidade técnica e metodológica (anexo 3).

### 2.4. Metodologia de tratamentos de dados

A escolha da metodologia a adoptar num determinado trabalho depende dos objectivos do estudo e das questões de investigação. Nesta perspectiva, adoptou-se uma metodologia quantitativa e, orientados por esta metodologia, relevou-se a importância da frequência com que surgem determinadas características na análise e as suas relações.

O questionário comporta dois tipos de resposta: a primeira de resposta fechada, de escolha múltipla e a segunda de resposta aberta. Procedeu-se à análise de conteúdo das respostas abertas, padronizando as atitudes e reacções expressas e, numa lógica de análise quantitativa, recorrendo-se ao PASW Statistics 18 (ex-SPSS) para calcular as respectivas estatísticas descritivas e inferenciais, recorrendo a testes como o t-test, qui-quadrado e Anova.

A utilização de métodos quantitativos está essencialmente ligada à investigação experimental ou quasi-experimental o que pressupõe a observação do fenómeno da violência

---

<sup>4</sup> <http://mime.gepe.min-edu.pt/>

na intimidade, a formulação de hipóteses explicativas desse mesmo fenómeno, o controlo das variáveis, a selecção da amostra e a verificação ou rejeição das hipóteses mediante a recolha de dados e o seu posterior tratamento. A necessidade sentida de sistematização das ocorrências, da detecção das causas e da observação das consequências remeteu-nos para o paradigma da opção por um “método quantitativo” na recolha e tratamento da informação. A maior simplicidade de análise, a rapidez na recolha e o não menos relevante aspecto económico, de tempo e dinheiro, reforçaram a opção. Partiu-se de um positivismo lógico e procurou-se as causas deste fenómeno social, menorizando a atenção aos aspectos subjectivos dos indivíduos. Pretendeu-se um estudo objectivo e orientado para o resultado, assente em medições rigorosas e controladas e que nos permitisse uma visão particularista da realidade actual.

Para efeitos de análise estatística, os sujeitos são considerados agressores se admitirem ter recorrido, pelo menos uma vez, a comportamentos classificados como abuso físico ou emocional, tal como são considerados vítimas se relatarem terem sido alvo de, pelo menos, um desses comportamentos. De modo análogo, são tipificados como não agressores ou não vítimas todos os participantes que respondam a todos os itens, afirmando que nunca perpetraram ou foram alvo de nenhum dos comportamentos mencionados.

### 3. Resultados

Considerando todo o universo em análise ( $N=665$ ), constatou-se que a prevalência da problemática da violência no namoro, junto dos estudantes do ensino secundário, no concelho de Gondomar, é de 25,6%.

Partindo para a caracterização e compreensão do fenómeno em si, de acordo com amostra considerada na presente investigação ( $N=170$ , sendo esta constituída por todos os sujeitos que assinalaram estar envolvidos em relacionamentos íntimos violentos), classificou-se os sujeitos tendo em consideração o seu papel nos actos violentos (ofensor, vítima ou simultaneamente ofensor e vítima), verificando-se que a maioria dos inquiridos (51,8%,  $n=88$ ) é simultaneamente ofensor e vítima (reciprocidade da violência), 30% dos participantes ( $n=51$ ) é classificado como ofensor e os restantes 18,2% ( $n=31$ ) são vítimas de, pelo menos, um comportamento abusivo.

Atendendo aos diferentes tipos de violência analisados pelo IVC-2, constata-se uma preponderância dos comportamentos emocionalmente abusivos (78,8%,  $n=134$ ) relativamente aos actos fisicamente abusivos (58,8%,  $n=100$ ) e aos sexualmente abusivos (5,8%,  $n=10$ ), quando considerado a sua presença na relação, quer como tendo sido perpetrados ou sofridos. Analisando-se os diferentes tipos de violência em termos de perpetração e vitimação, verifica-

se que, seja na qualidade de ofensor, seja na qualidade de vítima, o tipo de agressão mais elevado é o correspondente aos actos emocionalmente abusivos (60,6% e 57,6%, respectivamente), seguido dos comportamentos fisicamente violentos (48,2% e 33,6%, respectivamente) e por fim os sexualmente abusivos (1,8% e 4,8%, respectivamente), tal como apresentado no quadro 1.

		N	Frequência	(%)
<b>Perpetração</b>	Física	170	82	48,2
	Emocional	170	103	60,6
	Sexual	170	3	1,8
<b>Vitimação</b>	Física	170	57	33,6
	Emocional	170	98	57,6
	Sexual	170	8	4,8

Quadro 1. Perpetração e vitimação dos diferentes tipos de violência

Numa análise mais detalhada dos diferentes comportamentos abusivos presentes no IVC-2, verifica-se que os comportamentos mais frequentemente perpetrados/recebidos pelos sujeitos caracterizam-se por actos de menor gravidade (cf quadro 2).

	Perpetração		Vitimação		
	Freq.	(%)	Freq.	(%)	
<b>Comportamentos fisicamente abusivos</b>					
Puxar os cabelos com força	não	154	90,6	159	93,5
	<b>sim</b>	<b>16</b>	<b>9,4</b>	<b>11</b>	<b>6,5</b>
	Total	170	100,0	170	100,0
Dar uma bofetada	não	125	73,5	146	85,9
	<b>sim</b>	<b>45</b>	<b>26,5</b>	<b>24</b>	<b>14,1</b>
	Total	170	100,0	170	100,0
Apertar o pescoço	não	165	97,1	165	97,1
	<b>sim</b>	<b>5</b>	<b>2,9</b>	<b>5</b>	<b>2,9</b>
	Total	170	100,0	170	100,0
Ameaçar com armas ou usar de força física	não	166	97,6	167	98,2
	<b>sim</b>	<b>4</b>	<b>2,4</b>	<b>3</b>	<b>1,8</b>
	Total	170	100,0	170	100,0
Dar um murro	não	156	91,8	160	94,1
	<b>sim</b>	<b>14</b>	<b>8,2</b>	<b>10</b>	<b>5,9</b>
	Total	170	100,0	170	100,0
Atirar com objectos à outra pessoa	não	145	85,3	160	94,1
	<b>sim</b>	<b>25</b>	<b>14,7</b>	<b>10</b>	<b>5,9</b>
	Total	170	100,0	170	100,0
Dar uma sova	não	168	98,8	167	98,2
	<b>sim</b>	<b>2</b>	<b>1,2</b>	<b>3</b>	<b>1,8</b>
	Total	170	100,0	170	100,0
Dar pontapés ou cabeçadas	não	157	92,4	163	95,9
	<b>sim</b>	<b>13</b>	<b>7,6</b>	<b>7</b>	<b>4,1</b>

	Total	170	100,0	170	100,0
	não	160	94,1	150	88,2
Dar empurrões violentos	<b>sim</b>	<b>10</b>	<b>5,9</b>	<b>20</b>	<b>11,8</b>
	Total	170	100,0	170	100,0
	não	166	97,6	167	98,2
Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão	<b>sim</b>	<b>4</b>	<b>2,4</b>	<b>3</b>	<b>1,8</b>
	Total	170	100,0	170	100,0
	não	157	92,4	154	90,6
Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica	<b>sim</b>	<b>13</b>	<b>7,6</b>	<b>16</b>	<b>9,4</b>
	Total	170	100,0	170	100,0
	não	169	99,4	168	98,8
Causar ferimentos que precisaram de assistência médica	<b>sim</b>	<b>1</b>	<b>,6</b>	<b>2</b>	<b>1,2</b>
	Total	170	100,0	170	100,0
<b>Comportamentos emocionalmente abusivos</b>					
	não	135	79,4	134	78,8
Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou "ferir"	<b>sim</b>	<b>35</b>	<b>20,6</b>	<b>36</b>	<b>21,2</b>
	Total	170	100,0	170	100,0
	não	157	92,4	161	94,7
Partir ou danificar coisas ou deitar a comida ao chão, para meter medo	<b>sim</b>	<b>13</b>	<b>7,6</b>	<b>9</b>	<b>5,3</b>
	Total	170	100,0	170	100,0
	não	164	96,5	167	98,2
Acordar a meio da noite para causar medo	<b>sim</b>	<b>6</b>	<b>3,5</b>	<b>3</b>	<b>1,8</b>
	Total	170	100,0	170	100,0
	não	105	61,8	95	55,9
Impedir o contacto com outras pessoas	<b>sim</b>	<b>65</b>	<b>38,2</b>	<b>75</b>	<b>44,1</b>
	Total	170	100,0	170	100,0
	não	170	100,0	168	98,8
Perseguir na rua ou em local de estudo, para causar medo	<b>sim</b>	<b>0</b>	<b>,0</b>	<b>2</b>	<b>1,2</b>
	Total	170	100,0	170	100,0
	não	148	87,1	145	85,3
Gritar ou ameaçar, para meter medo	<b>sim</b>	<b>22</b>	<b>12,9</b>	<b>25</b>	<b>14,7</b>
	Total	170	100,0	170	100,0
<b>Comportamentos sexualmente abusivos</b>					
	não	167	98,2	163	95,9
Forçar a outra pessoa a manter actos sexuais contra a sua vontade	<b>sim</b>	<b>3</b>	<b>1,8</b>	<b>7</b>	<b>4,1</b>
	Total	170	100,0	170	100,0

Quadro 2. Perpetração e vitimação dos diferentes comportamentos apresentados no questionário

Porém, apesar da sua baixa taxa (inferior a 8%), há a salientar a presença de comportamentos abusivos considerados severos. Assim sendo, da análise das diferentes formas de violência, por item do questionário, mostra-se que, tanto na perpetração como na vitimação, o item “impedir o contacto com outras pessoas”, é o mais frequente.

### 3.1. A violência no namoro em função do sexo, idade e tipologia de ensino

Procurou-se analisar a problemática da violência no namoro tendo em consideração os factores sócio-demográficos em análise, nomeadamente o sexo, a idade e a tipologia de ensino dos participantes. Relativamente ao sexo, os resultados indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas nos valores reportados de violência física (t-test=0,101, p-valor=0,920), emocional (t-test=-1,376, p-valor=0,171) e sexual (U=5,000, p-valor=0,419), pelo que rapazes e raparigas evidenciam níveis semelhantes de envolvimento em conflitos nas suas relações de namoro. Analisando o género na perspectiva de vítima, ofensor ou a sobreposição de ambos (simultaneamente vítima e ofensor), verifica-se que existe uma diferença estatisticamente significativa (p-valor=0,019) entre a classificação dos sujeitos nestas três categorias e o seu sexo, sendo assumida mais por sujeitos do sexo feminino a vitimação e a sobreposição ofensor/vítima.

No que diz respeito às eventuais diferenças entre idades dos indivíduos, os resultados mostram que apesar de se verificar índices mais elevados de violência no namoro entre os jovens com 16-17 anos, as diferenças não são significativas para a violência física (p-valor $\geq$ 0,05). Contudo no caso da violência sexual há diferenças significativas, quer como ofensor (p-valor=0,013) quer como vítima (p-valor=0,014).

Ofensores		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Violência Física	Between Groups	2,300	4	,575	,773	,544
	Within Groups	122,811	165	,744		
	Total	125,112	169			
Violência Emocional/Psicológica	Between Groups	6,139	4	1,535	2,012	,095
	Within Groups	125,838	165	,763		
	Total	131,976	169			
Violência Sexual	Between Groups	,650	4	,163	3,270	,013
	Within Groups	8,203	165	,050		
	Total	8,853	169			

Quadro 3. Violência no namoro como ofensor em função da idade

Vítimas		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Violência Física	Between Groups	1,371	4	,343	,493	,741
	Within Groups	114,653	165	,695		
	Total	116,024	169			
Violência Emocional/Psicológica	Between Groups	5,272	4	1,318	1,668	,160
	Within Groups	130,352	165	,790		
	Total	135,624	169			
Violência Sexual	Between Groups	1,393	4	,348	3,235	,014
	Within Groups	17,760	165	,108		
	Total	19,153	169			

Quadro 4. Violência no namoro como vítimas em função da idade



Convém salientar que os jovens que relataram comportamentos sexualmente violentos serem em número diminuto ( $n=10$ ) o que pode ter influência nos resultados alcançados.

Especificamente investigando a relação entre a idade e a distribuição dos participantes por vítimas, ofensores ou ambos (vítimas/ofensores), apura-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis ( $\chi^2=0,000$  e  $p\text{-valor}\geq 0,05$ ).

No que toca à tipologia de ensino frequentado pelos sujeitos, verifica-se que existem diferenças estatisticamente significativas ( $p\text{-valor}=0,000$ ) entre a tipologia de ensino e a categorização em vítimas ( $\chi^2=71,176$ ), ofensores ( $\chi^2=27,200$ ), não se verificando, contudo, diferenças significativas ao nível da categoria vítima/ofensor (reciprocidade da violência), cujo nível de significância é de 0,539 ( $\chi^2=0,376$ ). Ainda dentro desta variável, constatou-se que o tipo de violência presente era independente da tipologia de ensino frequentada pelos jovens, não se verificando quaisquer diferenças significativas entre os grupos (ambos os  $p\text{-valor}=n.s.$ ).

### 3.2. Os contextos da violência

No que concerne à caracterização do contexto em que ocorre a violência, torna-se imperativo salientar que o número de sujeitos da amostra diminuiu, tendo apenas respondido à segunda parte do questionário 56 sujeitos dos 170 que compõem a amostra em estudo (33% dos participantes). Assim sendo, a maioria das agressões (51,8%) resulta de discussões (normalmente inócuas), 25% surgem como resposta a agressão verbal ou física de que o sujeito é vítima e os restantes 23,2% resultam da resposta à agressão verbal ou física que o sujeito iniciou (cf. quadro 5).

Contexto de vitimação	Freq	Percent
<b>Estávamos a discutir, mas eu não o(a) tinha insultado nem agredido</b>	29	51,8
<b>Eu já o(a) tinha agredido verbalmente</b>	9	16,1
<b>Eu já o(a) tinha agredido fisicamente</b>	4	7,1
<b>Ele(a) foi o(a) primeiro(a) a agredir-me, verbal ou fisicamente</b>	14	25,0
<b>Total</b>	56	100,0

Quadro 5. Contexto de vitimação

Relacionando os diferentes contextos apresentados e o género dos participantes, verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas ( $p\text{-valor}=0,988$ ), apesar de se verificar que um número mais elevado de raparigas ( $n=36$ ) respondeu a esta parte do questionário quando comparado com os rapazes ( $n=20$ ), o que pode sugerir algum tipo de tendência. Da mesma forma, quando se relaciona os diferentes contextos com a idade dos participantes constata-se que as diferenças não são estatisticamente significativas ( $F=1,372$  e  $p\text{-valor}=0,257$ ).

### 3.3. As reacções e respostas de *coping* face à violência no namoro

Tal como sucedeu anteriormente, também nesta variável em estudo a amostra corresponde apenas a 33% da amostra total do estudo ( $n=56$  do total de  $N=170$ ), visto que apenas 56 dos participantes responderam a estas questões do inquérito. Posto isto, da panóplia de reacções presentes no inquérito, aquela que mais se destaca como resposta dos participantes face à violência é a tentativa de diálogo, como forma de resolução do conflito (cf. quadro 6).

	N	Percent
<b>Agressão física (p.ex., bati, empurrei)</b>	8	5,3%
<b>Agressão verbal (p.ex., insultei, ameacei)</b>	17	11,2%
<b>Discuti com ele(a)</b>	26	17,1%
<b>Tentei conversar com ele(a)</b>	34	22,4%
<b>Perdoei logo</b>	4	2,6%
<b>Perdoei mais tarde</b>	21	13,8%
<b>Não dei importância</b>	6	3,9%
<b>Contei ao(s) meu(s) amigo(s)</b>	18	11,8%
<b>Contei ao meu pai</b>	1	,7%
<b>Contei à minha mãe</b>	6	3,9%
<b>Fui à polícia</b>	1	,7%
<b>Pedi ajuda a outra pessoa</b>	10	6,6%

Quadro 6. Reacções face à violência ( $n=56$ )

Remetendo-se, especificamente, para aqueles que pediram ajuda a outra pessoa ( $n=10$ ), as respostas dadas pelos jovens foram distintas (amigo colorido, melhor amigo(a) ou familiar), sendo que aquela que obteve a esmagadora maioria das respostas foi o melhor amigo(a) ( $n=7$ , 70%), aparecendo, por último o familiar com apenas um sujeito a responder (10%). Através de uma análise de relação entre as diferentes reacções e o sexo dos participantes, verifica-se que as raparigas apresentam uma maior tendência para reagir a uma agressão do que os rapazes (cf. quadro 7).

		Género	
		Masculino	Feminino
Reacções <sup>a</sup>	Agressão física (p.ex., bati, empurrei)	3	5
	Agressão verbal (p.ex., insultei, ameacei)	5	12
	Discuti com ele(a)	9	17
	Tentei conversar com ele(a)	13	21
	Perdoei logo	2	2
	Perdoei mais tarde	6	15
	Não dei importância	2	4
	Contei ao(s) meu(s) amigo(s)	6	12
	Contei ao meu pai	0	1
	Contei à minha mãe	0	6
	Fui à polícia	0	1
	Pedi ajuda a outra pessoa	3	7
<b>Total</b>		<b>20</b>	<b>36</b>

Percentages and totals are based on respondents.

a. Dichotomy group tabulated at value 1.

Quadro 7. Reacções face à violência em função do género ( $n=56$ )

Finalmente, a parte do inquérito que comportava questões de resposta aberta, onde era pedido para se reportarem a um incidente violento em que tenham sido vítimas, foi aquela cujo número de respostas foi mais parco, sendo pertinente realçar que o número de participantes que responderam à totalidade do inquérito foi de apenas 49 sujeitos (28,8%). No que toca, particularmente, à procura de ajuda e conseqüente aconselhamento/sugestões obtidas dessa ajuda, várias foram as soluções que os jovens relataram como tendo surgido após a partilha da situação violenta com terceiros (cf. quadro 8).

<b>Aconselhamento: " o que fazer" após a agressão</b>	Frequency	Valid Percent
<b>nr</b>	17	34,7
<b>ir à polícia</b>	3	6,1
<b>pôr fim à relação</b>	12	24,5
<b>conversa entre os dois</b>	7	14,3
<b>conversa com o agressor por terceiro</b>	1	2,0
<b>responder com violência</b>	1	2,0
<b>responder com calma</b>	2	4,1
<b>manter a situação e aceitar a violência</b>	1	2,0
<b>ignorar a situação e perdoar</b>	3	6,1
<b>não repetir a agressão</b>	1	2,0
<b>não aceitar as exigências do agressor</b>	1	2,0
<b>Total</b>	49	100,0

Quadro 8. Soluções para a situação de violência ( $n=49$ )

O aconselhamento recebido pelas vítimas de ofensas no namoro orienta-se em 24,5% dos casos para o fim da relação, a que se segue a promoção do diálogo (14,3%). Todavia, o valor mais elevado (34,7%) da amostra não respondeu à questão. Para aferir se a procura de ajuda foi benéfica e serviu de suporte à vítima da agressão, os participantes foram questionados sobre o apoio sentido pela ajuda procurada, sendo que a maioria (65,3%,  $n=32$ ) considerava-se satisfeita com a ajuda que receberam, havendo, porém, uma percentagem considerável de indivíduos (24,5%,  $n=12$ ) que não responderam à questão. Similarmente, a maioria (79,6%,  $n=39$ ) afirmou que não necessita de outro tipo de ajuda, mas, por outro lado, 87,8% dos respondentes ( $n=43$ ) quando questionados sobre o tipo de ajuda que sentem necessidade, não responderam à questão. Contudo, as respostas obtidas foram obter mais apoio da ajuda que já procuraram ( $n=3$ ), procurar um psicólogo ( $n=2$ ) e ter a ajuda dos pais ( $n=1$ ).

Numa análise global da descrição de uma situação violenta vivenciada pelos participantes, quando inquiridos sobre o que despoletou essa situação, 38,8% responde que o motivo foram os ciúmes ou então por discussões (16,3%). Curiosa é a percentagem daqueles que, não se limitando a deixar o espaço em branco sem resposta, declararam não querer responder (18,4%), o que poderá espelhar alguma desejabilidade social, no sentido de sentirem que a sua experiência vai contra ao esperado pela sociedade (cf. quadro 9).

Como começou a situação de violência	Frequency	Valid Percent
nr	9	18,4
ciúmes	19	38,8
brincadeira	2	4,1
discussão	8	16,3
não gostou da atitude	2	4,1
não quer responder	9	18,4
<b>Total</b>	<b>49</b>	<b>100,0</b>

Quadro 9. Início da situação violenta (n=49)

Quando questionados acerca do modo como se desenrolou o conflito, 44,9% dos participantes responderam que foi através da discussão, apesar de também neste aspecto existir um número considerável de sujeitos que não responde (34,7%) (cf. quadro 10).

Como se desenrolou o conflito	Frequency	Valid Percent
nr	17	34,7
discussão	22	44,9
violência física	6	12,2
invasão da privacidade	4	8,2
<b>Total</b>	<b>49</b>	<b>100,0</b>

Quadro 10. Desenrolar da situação violenta (n=49)

Por fim, no que diz respeito às possíveis soluções para resolver a situação de agressão, 22,4% dos jovens considerou o diálogo como uma possível solução e 16,3% afirmaram que pôr fim à relação era a melhor opção. Todavia, mais de metade (57,1%) não respondeu a esta parte da questão (cf. quadro 11).

Soluções para o conflito	Frequency	Valid Percent
nr	28	57,1
fim à relação	8	16,3
diálogo	11	22,4
retorno à normalidade	2	4,1
<b>Total</b>	<b>49</b>	<b>100,0</b>

Quadro 11. Soluções para a situação violenta (n=49)

#### 4. Análise e discussão dos resultados

O presente estudo procurou, numa primeira instância, proceder a uma caracterização geral do fenómeno da violência no namoro, explorando aspectos relacionados com a sua dinâmica e padrões de comportamento. Posteriormente, e sendo este o principal foco de atenção, procurou-se analisar o contexto e as reacções/respostas dos adolescentes face à violência, procurando uma melhor e mais integrada compreensão da problemática.

Posto isto, comparando os dados de prevalência da violência no namoro constantes na literatura com os resultados obtidos no presente estudo de caracterização do fenómeno, constata-se que a violência no namoro é uma realidade entre os adolescentes portugueses, na medida em que um número significativo de participantes já se envolveu em situações de violência. De toda a amostra do estudo, constatou-se que 25,6% envolveu-se em situações de

violência nas suas relações íntimas, resultado este que vai de encontro à bibliografia consultada, onde as taxas de prevalência variam entre os 9% (valor mais baixo encontrado) e os 57% (valor mais elevado) (e.g. Bergman, 1992; Connolly & Josephson, 2007; O'Keefe, 2005; Watson et al., 2001, citado por Gover, 2004).

Uma análise mais aprofundada aos sujeitos envolvidos em namoros violentos permitiu categorizá-los, tendo em consideração o seu papel na violência (vítima, ofensor ou a sobreposição de ambos os papéis). Dos participantes, 18,2% reportaram apenas comportamentos de vitimação, 30% assumiram-se, exclusivamente, como perpetradores de violência e 51,8% dos sujeitos manifestou, tanto comportamentos de vítima como de perpetrador. Os dados encontrados no estudo estão um pouco abaixo do reportado em outras investigações, cujos valores variam desde os 55,7% (Bookwala & Zdaniuk, 1998, citado por Smith, 1999) até aos 72,4% de mútua violência (Aldrighi, 2004). Porém, este claro predomínio da sobreposição de papéis reforça a ideia vigente sobre os padrões mútuos de violência, premissa amplamente defendida por estudos anteriores (e.g. Avery-Leaf et al., 1997; Bergman, 1992; Ehlert, 2007; Feiring et al., 2002; Foshee, 1996; Gray & Foshee, 1997; Machado et al., 2003; O'Keefe, 2005; Paiva & Figueiredo, 2004; Matos et al. 2006). Estes resultados confirmam a primeira hipótese formulada.

No que se refere ao tipo de violência presente nestes relacionamentos agressivos, quer quando visto como um todo, quer pela análise separada da vitimação e perpetração, verifica-se uma preponderância da violência psicológica (78,8% global, 57,5% vitimação, 60,6% perpetração), em detrimento da violência física (58,8% global, 33,6% vitimação, 48,2% perpetração) e sexual (5,8% global, 4,8% vitimação, 1,8% perpetração), resultados que vão no sentido do que se encontra documentado na literatura, onde a violência psicológica é o tipo mais frequente na violência no namoro, seguido da violência física e por fim a violência sexual (e.g. Halpern et al., 2001, citado por Caridade et al., 2007; Paiva & Figueiredo, 2004). As percentagens obtidas para esta análise, no presente estudo, servem apenas como indicadores de tendência para a caracterização do fenómeno, e não podem ser encarados como dados de prevalência, visto estar-se apenas a considerar um universo onde alguma forma de violência está presente, não sendo uma amostra representativa da população. Convém salientar o caso da violência sexual, que pode não assumir grande relevância, uma vez que o instrumento falha por apenas apresentar um item direccionado para a violência sexual, contudo permite perceber que é uma realidade presente na violência no namoro este adolescentes, tal como referenciado por outras investigações (e.g. Abbey et al., 1996, citado por Caridade & Machado, 2008; Jackson et al., 2000). A título de exemplo, o estudo de

Gameiro (2002, citado por Oliveira & Sani, 2005) contempla itens relacionados somente com a violência sexual, daí evidenciar uma elevada taxa de prevalência.

Verifica-se, igualmente, que os comportamentos mais frequentemente perpetrados e/ou recebidos pelos sujeitos caracterizam-se por actos de menor gravidade, ou seja, tipicamente referidos como pequenas formas de violência, sendo que, de todos os itens presentes no questionário, aquele que está mais presente é o impedir o contacto com outras pessoas, cujas percentagens de perpetração e de vitimação são de 38,2% e 44,1%, respectivamente. Estes resultados são suportados pelos estudos existentes, que referem que dentro de cada tipo de violência, pequenas formas de violência tendem a ser mais frequentes do que a abusos severos (O’Keefe & Treister, 1998). Esta postura de normalização das formas “menores” de violência poderá, igualmente, interferir na prevenção de ocorrências futuras ou da escalada da violência (Caridade et al., 2007). Porém, apesar da sua baixa taxa (inferior a 8%), há a salientar a presença de comportamentos abusivos considerados severos, dado este em concordância com o estudo desenvolvido por Straus e colaboradores (2002, citado por Caridade & Machado, 2010).

Estes dados atingidos não devem levar a uma desvalorização da gravidade da violência no namoro nos adolescentes, uma vez que, de facto, alguns estudos sustentam que existe uma clara tendência para a escalada deste tipo de comportamentos até à idade adulta (Wekerle & Wolfe, 1999), bem como sugerem que a maioria destes jovens (entre 20% a 80%) permanece na relação após as manifestações de violência (e.g. Smith, 1999). Simultaneamente, é importante ter em conta que a violência nas relações de namoro juvenis apresenta um vasto leque de consequências para as suas vítimas, o que pode resultar numa séria ameaça à saúde física e mental dos jovens adolescentes (e.g. Callahan et al., 2003; Campbell, 2002). Também neste caso, a hipótese 2 formulada foi totalmente confirmada.

Quando estudada a problemática da violência no namoro com base nos factores sócio-demográficos, nomeadamente o sexo, a idade e a tipologia de ensino dos participantes, tendo em conta os resultados apresentados e os estudos efectuados neste âmbito, verifica-se que, no que concerne ao sexo, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as raparigas e os rapazes no que diz respeito ao tipo de abuso, tendo outros autores encontrado resultados semelhantes a estes nas suas investigações (Molidor & Folman’s, 1998, citado por Caridade & Machado, 2006; Straus et al., 2002, citado por Caridade & Machado, 2010). Todavia, quando estudada a relação entre o género e o papel assumido na violência, constata-se diferenças significativas, aparecendo as raparigas como o género mais vitimizado. Devido à grande variação e inconsistência de dados encontrados na literatura, os resultados alcançados

devem ser interpretados com precaução. Apesar de a ideia não ser consensual, alguns autores encontraram, nas suas investigações, resultados semelhantes aos do presente estudo, tais como Gallopin e Leigh, em 2009, usando a metodologia de Focus Group, constataram que todos os participantes acreditavam que as raparigas eram mais vítimas de violência no namoro que os rapazes, o que sugere uma proximidade com os padrões tradicionais de género existentes, bem como as estatísticas existentes sobre a vitimação (APAV, 2011) que apontam para um maior número de vítimas do sexo feminino ou a investigação de Foshee (1996) que concluiu que as raparigas relatam mais abusos. Por outro lado, também são as raparigas que assumem mais o papel na sobreposição vítima/ofensor, podendo ser este dado interpretado à luz da assumpção de que as raparigas assumem comportamentos violentos como auto-defesa (e.g. Foshee, 1996; Hamberger & Holtzworth-Munroe, 1994, citado por Machado et al., 2003; Hickman et al., 2004). É pertinente perceber que a violência não é, exclusivamente, unidireccional, pois nem todas as vítimas são passivas e a resposta à agressão surge, não raras vezes, com um pressuposto defensivo, retaliatório ou mesmo estratégico, tornando-se elas próprias ofensores (Straus, 1993, citado por Holden, 1998, *in* Oliveira & Sani, 2005). A hipótese 3 sobre a variável género foi confirmada.

Relativamente à idade, não foram encontradas diferenças significativas nas vivências da violência no namoro, tal como fundamentado por outros autores (Bergman, 1992; Reuterman & Burcky, 1989, citado por Callahan, 1998). Não obstante o apresentado, no caso da violência sexual verificaram-se diferenças significativas em relação à idade, tanto ao nível da perpetração como da vitimação, aparecendo esta junto dos participantes mais velhos, indo de encontro à investigação levada a cabo por Lucas (2002, citado por Caridade, 2008), onde constatou que os jovens mais velhos eram mais agressivos, apesar de este estudo não se reportar, unicamente, à violência sexual. Dada a dimensão muito reduzida de sujeitos ( $N=10$ ) a interpretação destes resultados requer algum cuidado e deverá ser alvo de uma investigação mais aprofundada, para se evitar chegar a conclusões abusivas. No que diz respeito à quarta hipótese, esta foi parcialmente confirmada.

Por fim, a última variável sócio-demográfica considerada foi a tipologia de ensino (regular e profissional), onde se verifica que o tipo de violência presente é independente da tipologia de ensino frequentada pelos jovens, não existindo, por isso, diferenças estatisticamente significativas. Por outro lado, as diferenças significativas foram obtidas quando comparada a tipologia de ensino com o papel assumido na violência, surgindo estas ao nível das vítimas e dos ofensores, no sentido de estar mais presente junto dos adolescentes que frequentam o ensino regular. Neste caso, e devido à ausência de homogeneidade na

distribuição entre ensino regular ( $n=133$ ) e ensino profissional ( $n=37$ ), os dados alcançados devem ser cuidadosamente interpretados, sob risco de estarem enviesados pela diferença na distribuição. Na literatura, foram muito escassas as investigações encontradas que utilizassem esta variável no seu estudo. Apenas um estudo foi encontrado com esta variável (Caridade, 2008), cujos resultados do presente estudo são contraditórios aos da autora, uma vez que esta concluiu que existiam diferenças significativas ao nível da vitimação e da perpetração, no sentido de uma maior representação no ensino profissional. Por estes motivos, e fruto da inconsistência e ausência de dados encontrados, esta variável carece de mais investigação no futuro. Neste caso, a quinta hipótese não foi confirmada.

Posto isto, quando se procede a uma análise mais aprofundada das dinâmicas da violência no namoro, mais especificamente acerca do contexto de vitimação, primeiramente constata-se que o número de participantes a responder a essa parte do questionário diminuiu consideravelmente, onde apenas 33% destes o fizeram. Esta ausência de respostas pode ser explicado, em parte, pela minimização e banalização da pequena violência, considerando os episódios como irrelevantes e passageiros, ou pela dificuldade e/ou imaturidade em identificar tais comportamentos como violentos, quer seja pela idade dos participantes, quer seja pelas crenças interiorizadas, podendo estar a confundir abuso com amor e ciúme (Caridade et al., 2007). Dos possíveis contextos de vitimação apresentados no questionário, verifica-se que a maioria dos sujeitos (51,8%) afirma que a violência surge após uma discussão, 25% refere que o parceiro foi o primeiro a agredir e 23,2% assume ter agredido o parceiro em primeiro lugar (16,1% verbalmente e 7,1% fisicamente). Assim sendo, olhando para estes dados pode-se concluir que, na maioria das vezes, a violência surge como uma forma de resolução de problemas (Duarte & Lima, 2006), dado que ocorre após uma discussão, onde é infligido um comportamento violento como solução para a questão. Por outro lado, pode igualmente ser encarado como o *continuum* da violência, dado que é referido que já tinha acontecido uma agressão prévia, o que tende a aumentar em frequência e gravidade com o passar do tempo (Hamberg et al., 1994, citado por Caridade & Machado, 2006) ou pode ser visto como um comportamento de retaliação ou autodefesa perante uma agressão prévia, o que reforça a ideia da reciprocidade da violência (e.g. Matos et al., 2006; O'Keefe, 2005). Apraz referir que estes resultados são independentes da idade e do género dos participantes, não se verificam diferenças estatisticamente significativas, todavia constata-se que foram as raparigas que mais responderam a esta questão. Uma possível explicação para o facto de existir mais respostas de participantes do sexo feminino é que normalmente as raparigas infligem violência como auto-defesa (Hickman et al., 2004) e tendem a exagerar no relato da situação, assumindo a culpa e



a maior responsabilidade pela violência na intimidade (Jackson, 1999). Por seu turno, os rapazes tendem a desvalorizar, negar ou minimizar os seus comportamentos violentos (O'Keefe, 2005). Paralelamente, os dados alcançados nos diferentes contextos corroboram o defendido por alguns autores, onde a agressão no namoro reflecte comportamentos agressivos de ambos os parceiros, sugerindo um processo interactivo em vez de um processo unidireccional (Marcus, 2008).

Os dados relativos às reacções/respostas dos sujeitos face à violência nos seus relacionamentos íntimos, demonstraram, numa primeira instância, que a maior parte dos adolescentes não responderam a esta parte (apenas 33% respondeu), tal como foi anteriormente referido. À parte disso, os resultados encontrados revelam que os adolescentes apresentam como possíveis respostas mais comuns, a tentativa de diálogo (22,4%), a discussão com o parceiro (17,1%) ou o recurso à violência (16,5%), nomeadamente através de comportamentos de violência física e/ou verbal (5,3% e 11,2%, respectivamente). Estes resultados coadunam-se com os dados obtidos em estudos que investigaram as respostas de *coping* dos adolescentes vitimizados, como por exemplo Henton (1983) na sua investigação constatou que as vítimas, geralmente, conversaram com o seu parceiro (51,4%), lutaram como reacção de auto-defesa (47,2%), choram (44,4%), abandonam o local (38,9%) ou moveram-se para fora do alcance do ofensor (26,4%). A opção de resposta de recorrer à violência surge, também, aqui como um reforço da hipótese da reciprocidade que caracteriza esta problemática. No que concerne à procura de ajuda, 22,3% optou pela ajuda informal (amigos e pais) e apenas 0,7% recorreu a uma ajuda formal (polícia). Este padrão de comportamento foi, igualmente, encontrado em estudos que demonstram que os adolescentes preferem a ajuda informal à ajuda mais formal (Ashley & Foshee, 2005). A título de exemplo, Weidmer, e colaboradores (2007, citado por Weisz & Black, 2009) apuraram que, apenas 8% dos estudantes do ensino secundário, usam fontes formais de ajuda, quando confrontados com agressões no namoro. Os adolescentes envolvidos em namoros violentos podem não procurar ajuda em serviços formais, porque têm medo de ser acusados e têm a crença que a informação não será confidencialmente mantida (Ashley & Foshee, 2005). Dos adolescentes que optaram por contar a alguém o sucedido, 17,7% optou por amigos e apenas 5,3% contou aos pais a sua experiência de violência no namoro. Este resultado é consistente com a generalidade da literatura sobre procura de ajuda, que indica que os adolescentes raramente falam com adultos sobre os seus problemas inter-pessoais (Boldero & Fallon, 1995), tendo vários estudos concluído que os adolescentes optam por falar com os amigos do que com os pais ou outros adultos (e.g. Boldero & Fallon, 1995; Gallopin & Leigh, 2009; Henton et al., 1983). Outra

conclusão que se pode retirar destes resultados é o facto claramente demonstrado que os adolescentes são relutantes em falar com alguém sobre o sucedido, estando este dado fundamentado ao nível internacional (e.g. Gelles, 1997; Levy, 1990, citado por Ehlert, 2007) como nacional (Caridade & Machado, 2006; Paiva & Figueiredo, 2003). Quando se analisa estes resultados em função do género, verifica-se uma maior tendência para ser o sexo feminino a reagir e a procurar ajuda. Também neste caso, vai ao encontro da bibliografia consultada, que defende que as raparigas procuram mais ajuda, no caso de violência no namoro, que os rapazes (e.g. Black et al., 2008, citado por Weisz & Black, 2009; Boldero & Fallon, 1995; Peterson & Olday, 1992, citado por Jackson et al., 2000). Uma possível explicação deste facto pode estar relacionado com o impacto que a violência tem para as mulheres, visto estas reportarem mais consequências emocionais negativas (Foshee, 1996) do que os rapazes e estes tenderem a desvalorizar ou ignorar o incidente (Molidor & Tolman, 1998).

Uma análise mais detalhada acerca do aconselhamento e suporte sentido pelos adolescentes que procuraram ajuda, permite concluir que, em primeiro lugar, grande parte dos participantes não respondeu à totalidade das questões, existindo por isso muitas ausências de resposta ou uma directa afirmação que não queriam responder. Convém realçar o facto que à medida que se avança nas respostas do questionário, vai diminuindo o número de sujeitos a responder, obtendo-se uma percentagem de apenas 28,8% de participantes a responder à totalidade das questões do questionário, o que pode ser entendido quer como uma banalização dos comportamentos violentos (Caridade et al., 2007) quer pela incapacidade de reconhecer os comportamentos abusivos. Relativamente ao último aspecto, a pesquisa mostra que é improvável o relato da experiência de abuso neste contexto, uma vez que os adolescentes raramente reconhecem o abuso em parte devido à pouca experiência com relacionamentos íntimos (Hickman et al., 2004; Levy, 1990, citado por Ehlert, 2007). Se os adolescentes não forem capazes de reconhecer o comportamento abusivo ou não o perceberem como abusivo, é pouco provável que sinalizem o acontecimento e tomem as devidas medidas para alterarem o seu comportamento (Ehlert, 2007). No que diz respeito ao aconselhamento recebido, 24,5% receberam o conselho de pôr fim à relação e 14,3% sugeriram que deviam conversar com o parceiro. O suporte sentido, para a maioria dos que procuraram ajuda (65,3%) foi considerado satisfatório, sendo que 79,6% afirma que não sentiram necessidade de procurar outro tipo de ajuda. Dos poucos que referiram precisar de outra ajuda, 6,1% referiu mais apoio por parte da ajuda que procurou e apenas 4,1% referiu que necessitava da ajuda de um psicólogo. Olhando para estes resultados, conclui-se que aqueles que procuram ajudam estão satisfeitos, o que se

coaduna com os dados da investigação levada a cabo por Jackson e colaboradores, em 2000, e não necessitam de procurar outra fonte de auxílio, mesmo que aquela que recorrem (pares) nem sempre possa ser vantajosa para o aumento da segurança e diminuição da culpa (Jackson et al., 2000), dada a inexperiência nesta temática, que caracteriza a população desta faixa etária (Callahan et al., 2003).

Finalmente, quando analisada a descrição de uma situação de violência, em 38,8% dos casos iniciou-se por ciúmes ou então devido a uma discussão (16,3%). Importante referir que 4,1% afirma que a violência iniciou-se por brincadeira. Depois de encetada a violência, em 44,9% dos casos desenrolou-se através de uma discussão e em 12,2% recorrendo à violência física. A forma encontrada de pôr fim à situação violenta foi o diálogo (22,4%), terminar o relacionamento (16,3%) e uma pequena minoria (4,1%) referiu o retorno à normalidade da relação. Os resultados alcançados nesta última destacam os motivos da violência (ciúme ou uma discussão, preferencialmente), sendo que existe também uma referência à banalização da violência, reforçando o que foi dito anteriormente. Por outro lado, expõem o modo como se desenrola uma situação de violência, podendo-se inferir que na discussão ocorra algumas agressões verbais bem como, tal como referido, a violência física, sendo esta mais facilmente identificada como um comportamento violento. Por fim, das possíveis respostas de *coping* existentes, o diálogo foi a mais comum, igualmente referida anteriormente, seguida de pôr fim ao relacionamento, que vai de encontro ao encontrado na literatura sobre esta temática (e.g. Callahan, 1998) bem como a referência do retorno à normalidade, que é fundamentada por estudos anteriores, cujas percentagens de término da relação ou a manutenção da mesma vão desde os 12% aos 73% e os 10% aos 30%, respectivamente (e.g. Callahan, 1998; O'Keefe et al., 1986, citado por Callahan, 1998). Todos estes resultados levam a uma aceitação total das hipóteses 6 e 7.

Em suma, tendo em conta os resultados alcançados no presente estudo e os efeitos nefastos que a exposição à violência no namoro pode causar, torna-se evidente o impacto que esta pode ter nos adolescentes, por exemplo ao nível académico, onde estudos mostram que as vítimas começam a perder objectivos educacionais e vocacionais, o que se traduz no insucesso escolar e/ou absentismo (Paiva & Figueiredo, 2003; Teten et al., 2009).

##### 5. Limitações e implicações futuras

Com base em tudo o que foi explanado, apresenta-se um balanço das limitações e dos aspectos positivos do presente estudo, tal como algumas eventuais pistas para o futuro.

No que concerne às limitações do trabalho apresentado, destaca-se como a mais significativa a pequena dimensão da amostra e o facto de ser uma amostra de conveniência, o

que não permite a generalização dos resultados obtidos, pois não é representativa da população juvenil portuguesa em geral. Em adição, é preciso ter algum cuidado na interpretação dos resultados obtidos, uma vez que a forma de medida usada foi o auto-relato, o que é bastante sujeito à desejabilidade social, o que devido à atenção progressiva que os mass media têm dado ao assunto, pode ter afectado os resultados, principalmente aqueles mais conscientes da imagem que querem passar (Machado et al., 2003). Deste modo, procurou-se reforçar a premissa da confidencialidade dos dados que pode minimizar, em parte, esse efeito de desejabilidade social numa temática tão sensível como a violência no namoro. Outro aspecto a ter em atenção é que, apesar de a amostra ser constituída por jovens, há estereótipos de género enraizados na sociedade que podem modelar comportamentos, atitudes e crenças, mas também influenciar a asserção dos mesmos (Oliveira & Sani, 2005). Por outro lado, os resultados deste estudo podem ter sido condicionados pela possível dificuldade que os adolescentes, por vezes, apresentam na identificação de comportamentos violentos, podendo ter ocorrido alguma minimização ou banalização dos mesmos. Finalmente, uma outra limitação da investigação pode estar relacionada com a terminologia utilizada, ou seja, a identificação por parte dos adolescentes dos conceitos apresentados, pois sabe-se que a fluidez com que os adolescentes alteram as suas definições e conceitos de relacionamento pode introduzir uma margem de erro na metodologia de auto-relato, podendo estar a não ser considerado pelos jovens relações que estabelecem e que seriam importantes analisar (Connolly & McIsaac, 2009).

De entre os aspectos positivos do estudo apresentado, o mais significativo diz respeito ao facto de constituir um esforço no sentido do aumento da compreensão e caracterização da violência no namoro a nível nacional. Tem o mérito de se ter analisado, separadamente vítimas, perpetradores e a sobreposição vítimas/ofensores, bem como diferentes formas de violência, contrariando a tendência presente na literatura de sobrevalorizar a violência física (Jackson et al., 2000) o que resulta numa visão simplista do fenómeno (Jackson, 1999). Por outro lado, o facto de se ter debruçado sobre aspectos como o contexto da violência e as reacções/respostas dos adolescentes vítimas desta, pode-se entender como um ponto forte do estudo, no sentido de uma compreensão mais ampla do fenómeno, aspecto salientado como relevante por Caridade e Machado, em 2010. Por fim, pode ser tido como um aspecto positivo a faixa etária da amostra, visto que grande parte da investigação sobre a temática da violência no namoro não inclui adolescentes (e.g. Bergman, 1992; Foshee, 1996; Jezl et al., 1996).

Relativamente a pistas para o futuro, considera-se importante desenvolver mais investigação, particularmente estudos qualitativos, visto estes serem úteis para aumentar o

conhecimento da violência no namoro entre os adolescentes, incluindo a natureza e dinâmicas dos conflitos, o significado, o contexto, o motivo e as consequências da violência (O’Keefe, 2005), tanto na perspectiva do homem como da mulher (Smith, 1999), bem como na perspectiva da vítima e do perpetrador. Assim sendo, torna-se imperativo explorar o impacto da violência no bem-estar psicológico dos adolescentes, uma vez que os adolescentes estão a passar por um estágio de desenvolvimento que os colocam num risco maior que os adultos para o abuso físico e emocional. Neste sentido, apresentam dificuldades em identificar os comportamentos como abusivos bem como decidir como responder a eles (Callahan et al., 2003). Por isso, compreender e promover os comportamentos de procura de ajuda dos adolescentes envolvidos em violência no namoro é importante para promover as respostas psicossociais e de saúde positivas (Ashley & Foshee, 2005). Por outro lado, identificar correlações na procura de ajuda dos adolescentes é útil para desenvolver intervenções no sentido de reduzir e/ou prevenir a violência no namoro entre adolescentes (Ashley & Foshee, 2005). Por conseguinte, através dos resultados fundamentados pela investigação, é possível e profícuo desenvolver programas de prevenção e intervenção adequados às necessidades identificadas e às problemáticas mais proeminentes, que visem consciencializar a população juvenil da gravidade e impacto da violência e promover comportamentos não-violentos nas relações íntimas (Caridade & Machado, 2008). Reside então a importância de sensibilizar, tanto as vítimas como os ofensores e ambos os sexos, para o perigo da escalada da violência, isto é, o risco de ocorrerem situações mais graves e repetidas (Oliveira & Sani, 2005).

### ***Conclusão***

Embora a investigação neste domínio seja relativamente recente, os dados presentes na literatura nacional e internacional revelam percentagens preocupantes de violência no namoro juvenil (e.g. Matos et al., 2006), levando a que a prevenção se transforme num fenómeno cada vez mais premente. A nível nacional, existe uma clara necessidade de apostar na investigação, dado que os estudos existentes ainda são incipientes, principalmente ao nível das dinâmicas e da sua compreensão, fornecendo uma visão pouco integrada e pouco consistente do fenómeno (Caridade & Machado, 2006).

Não obstante das limitações inerentes ao presente estudo, este permitiu desvendar, junto de uma amostra da população adolescente portuguesa a frequentar o ensino secundário, que a violência no namoro é uma realidade, evidenciando a necessidade de se intervir e prevenir a sua escalada e evitar as atitudes de desvalorização da gravidade desta problemática.

Uma percentagem significativa de adolescentes tende a adoptar condutas violentas no contexto das suas relações de intimidade. De entre os diferentes tipos de comportamentos recebidos/perpetrados, os abusos psicológicos/emocionais são os mais comuns. Outro aspecto preocupante é o facto de este fenómeno permanecer, não raras vezes, longe do conhecimento público, devido à relutância dos adolescentes em falar sobre o sucedido.

Deste modo, a violência no namoro é conceptualizada como um problema multidimensional, onde factores diversos interagem entre si (Lewis & Fremouw, 2001). Assim, os mecanismos pelos quais estes factores surgem associados ao fenómeno bem como a forma como estes se relacionam entre si carece de uma compreensão e investigação mais profunda (O'Keefe, 2005).

Por fim, sabe-se que a violência no namoro ameaça a saúde e o bem-estar dos adolescentes. Apesar de muito trabalho já ter sido feito, ainda existe um longo caminho pela frente, particularmente no desenvolvimento e avaliação de estratégias de prevenção eficazes. Para isto em muito contribui a estabilização de conceitos, metodologias e padrões na violência no namoro.

### ***Referências bibliográficas***

- Abraham, M. (1999). Sexual abuse in south asian immigrant marriages. *Violence Against Women, 5*, 591-619.
- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do estado de São Paulo – Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática, 6*, 105-120.
- APAV, (2011). Súmula estatísticas APAV 2010. *Unidade de estatística*. Lisboa.
- Arriaga, X. B. & Foshee, V. A. (2004). Adolescent dating violence. Do adolescents follow in their friends or their parents', footsteps? *Journal of Interpersonal Violence, 19*, 162-184.
- Arriaga, X., & Oskamp, S., (1999). The nature, correlates, and consequences of violence in intimate relationships. In X. Arriaga & S. Oskamps (Eds.), *Violence in intimate relationships* (pp. 3-16). London: Sage.
- Ashley, O. & Foshee, V. (2005). Adolescent help-seeking for dating violence: prevalence, sociodemographic correlates and sources of help. *Journal of Adolescent Health, 36*, 25-31.
- Avery-Leaf, S., Cascardi, M. A., O'Leary, K. D., & Cano, A. (1997). Efficacy of a dating violence prevention program on attitudes justifying aggression. *Journal of Adolescent Health, 21*, 11-17.
- Bergman, L. (1992). Dating violence among high school students. *Social Work, 37(1)*, 21-27.

- Boldero, J., & Fallon, B. (1995). Adolescent help-seeking: what do they get help for and from whom?. *Journal of Adolescence*, 18, 193-209.
- Brown, B.B. (1999). *You're going out with who?: peer group influences on adolescent romantic relationships*. In W. Furman, B.B. Brown, & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 291-329). Cambridge: Cambridge University Press  
[http://books.google.pt/books?id=IzRHqL4w4S4C&pg=PA291&lpg=PA291&dq=You're going out with who?:+Peer+group+influences+on+adolescent+romantic+relationships&source=bl&ots=dp6wnr](http://books.google.pt/books?id=IzRHqL4w4S4C&pg=PA291&lpg=PA291&dq=You're+going+out+with+who?:+Peer+group+influences+on+adolescent+romantic+relationships&source=bl&ots=dp6wnr)
- Burt, M. R. (1980). Cultural myths and support for rape. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38(2), 217-230.
- Callahan, M. R. (1998). *Adolescent dating violence victimization, coping and psychological well-being*. Dissertation submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of doctor of Philosophy (Psychology) to the University of Michigan, Michigan.
- Callahan, M. R., Tolman, R. M. & Saunders, D. G. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research*, 18(6), 664-681.
- Cano, A., Avery-Leaf, S., Cascardi, M., & O'Leary, K. D. (1998). Dating violence in two high school samples: discriminating variables. *The Journal of Primary Prevention*, 18(4), 431-446.
- Campbell, J. C. (2002). Health consequences of intimate partner violence. *Violence against women II*, 359, 1331-1336.
- Caridade, S. (2008). *Violência nas relações de intimidade: comportamentos e atitudes dos jovens*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 4 (XXIV), 485-493.
- Caridade, S., & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: relevância da prevenção. *Psicologia*, 22(1), 77-104.
- Caridade, S., & Machado, C. (2010). Violência na intimidade juvenil: prevalência, factores de risco e atitudes. In Machado, C. (coord). *Novas formas de vitimação criminal* (pp. 13-59). Braga: Psiquilibrios Edições.
- Caridade, S., Machado, C., & Vaz, F. (2007). Violência no namoro: estudo exploratório em jovens estudantes. *Psychologica*, 46, 197-214.

- Cate, R. M., Henton, J. M., Christopher, F. S., & Lloyd, S. (1982). Premarital abuse. A social psychological perspective. *Journal of Family Issues*, 3(1), 79-90.
- Cleveland, H. H., Herrera, V. M., & Stuewig, J. (2003). Abusive males and abused females in adolescent relationships: risk factor similarity and dissimilarity and the role of relationship seriousness. *Journal of Family Violence*, 18, 325-339.
- Coker, A., Derrick, C., Lumpkin, J., Aldrich, T., & Oldendick, R. (2000). Help-seeking for intimate partner violence and force sex in South Carolina. *American Journal of Preventive Medicine*, 19(4), 316-320.
- Connolly, J., Furman, W., & Konarski, R. (2000). The role of peers in the emergence of heterosexual romantic relationships in adolescence. *Child Development*, 71(5), 1395-1408.
- Connolly, J., & Josephson, W. (2007). Aggression in adolescent dating relationships: predictors and prevention. *The Prevention Researcher*, 14, 3-5.
- Connolly, J., & McIsaac, C. (2009). Romantic Relationships in Adolescence. In Lerner, R.M. & Steinberg, L. (Ed.). *Handbook of Adolescent Psychology*. (pp. 104-151). New Jersey, John Wiley & Sons, Inc.
- Dobash, R. P. & Dobash R. E. (2004). Women's violence to men in intimate relationships. *British Journal Criminology*, 44, 324-349.
- Duarte, A. P., & Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portuguesas. *Psychologica*, 43, 105-124.
- Ehlert, C.M. (2007). *Adolescent dating violence: a review of literature on development, prevalence, perceptions, help seeking and prevention programs*. Research paper submitted in partial fulfillment of the requirements for the Master of Science Degree in Education, MS Guidance & Counseling, Menomonie: University of Wisconsin-Stout.
- Emery, R. (1989). Family violence. *American Psychologist*, 44, 321-328.
- Feiring, C., Deblinger, E., Hoch-Espada, A., & Haworth, T. (2002). Romantic relationship aggression and attitudes in high school students: the role of gender, grade, and attachment and emotional styles. *Journal of Youth and Adolescence*, 4, 373-385.
- Finn, J. (1986). The relationship between sex role attitudes and attitudes supporting marital violence. *Sex Role*, 14, 235-244.
- Fortin, M. (2003). [O Processo de Investigação: da Concepção à Realização] (3ª ed.). (N. Salgueiro, Trans.). Loures: Lusociência.
- Foshee, V. (1996). Gender differences in adolescent dating abuse prevalence, types, and injuries. *Health Education Research*, 11(3), 275-286.



- Furman, W., & Wehner, E. (1997). Adolescent romantic relationships: a development perspective. *New Directions for Child Development*, 78, 21-36.
- Gallopín, C. & Leigh, L. (2009). Teen perceptions of dating violence, help-seeking, and the role of schools. *The Prevention Researcher*, 16(1), 17-20.
- Gelles, R. J. (1997). *Intimate violence in families*. Thousand Oaks: Sage.
- Gover, A. R. (2004). Risk lifestyles and dating violence: a theoretical test of violent victimization. *Journal of Criminal Justice*, 32, 171-180.
- Gondolf, E. (1998). Contact and delivery of a shelter outreach project. *Journal of Family Violence*, 13(2), 131-145.
- Gray, H., & Foshee, V. (1997). Adolescent dating violence: differences between one-sided and mutually violent profiles. *Journal of Interpersonal Violence*, 12(1), 126-141.
- Hendrick, S.S. & Hendrick, C. (1992). *Romantic Love*. Sage Publications, Inc.
- Henton, J., Cate, R., Koval, J., Lloyd, S., & Christopher, S. (1983). Romance and violence in dating relationships. *Journal of Family Issues*, 4(3), 467-482.
- Hickman, L. J., Jaycox, L. H., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: prevalence, gender distribution and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence & Abuse*, 5, 123-142.
- Hotaling, G. T., & Sugarman, D. B. (1990). A risk marker analysis of assaulted wives. *Journal of Family Violence*, 5(1), 1-13.
- Howard, D. E., & Wang, M. Q. (2003). Risk profiles of adolescent girls who were victims of dating violence. *Adolescence*, 38(149), 1-14.
- Jackson, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: a review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 4(2), 233-247.
- Jackson, S., Cram, F., & Seymour, F. (2000). Violence and sexual coercion in high school students dating relationships. *Journal of family violence*, 15 (1), 23-36.
- Jenkins, S. S. & Aubé, J. (2002). Gender differences and gender related constructs in dating aggression. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28(8), 1106-1118.
- Jewkes, R., Sen, P., García-Moreno, C. (2002). "Sexual violence". In: E. G. Krug et al. (Eds.) World report on violence and health. Geneva, Suíça: Organização Mundial da Saúde.
- Jezl, D., Molidor, C., & Wright, T. (1996). Physical, sexual and psychological abuse in high school dating relationships: prevalence rates and self-esteem issues. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 13(1), 69-87.
- Lazarus, R.S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.

- Lewis, S. F. & Fremouw, W. (2001). Dating violence: a critical review of the literature. *Clinical Psychology Review, 21(1)*, 105-127.
- Lopes, C. A. (2003). *Guia prático: normas da American Psychological Association (APA/2001). Citações & Referências bibliográficas*. Centro de documentação. ISPA.
- Machado, C., Caridade, S. & Martins, C. (2010). Violence in juvenil dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of family violence, 25*, 43-52.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A.I. (2003). Violência nas relações amorosas: comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica, 3*, 69-83.
- Magdol, L., Moffitt, T. E., Caspi, A., Newman, D. L., Fagan, J., & Silva, P. A. (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21-year-olds: Bridging the gap between clinical and epidemiological approaches. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 65(1)*, 68-78.
- Mahoney, P., Williams, L. M., & West, C. M. (2001). Violence against women by intimate relationships partners. In C. M. Renzetti, J. L. Edleson & R. K. Bergen (Eds.), *Sourcebook on violence against women* (pp. 143-178). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Makepeace, J. M. (1981). Courtship violence among college students. *Family Relations, 30*, 97-102.
- Malik, S., Sorenson, S. B., & Aneshensel, C. S. (1997). Community and dating violence among adolescents: perpetration and victimization. *Journal of Adolescent Health, 21*, 291-302.
- Marcus, R.F. (2008). Fight-seeking motivation in dating partners with an aggressive relationship. *The Journal of Social Psychology, 148(3)*, 261-276.
- Matos, M. (2000). *Violência conjugal: o processo de construção da identidade da mulher*. Dissertação de candidatura ao grau de mestre em Psicologia, na especialidade de Psicologia da Justiça. Braga: Universidade do Minho.
- Matos, P. (2006). Relações românticas em adolescentes. *Psychologica, 41*, 9-24.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática, 8 (1)*, 55-75.
- Molidor, C. & Tolman, R. M. (1998). Gender and contextual factors in adolescent dating violence. *Violence Against Women, 4*, 180-194.

- Mouzos J & Makkai T. (2004). Women's experiences of male violence in Australia: Findings from the Australian component of the International Violence Against Women Survey (IVAWS) *Research and Public Policy Series*, 56. Canberra: Australian Institute of Criminology.
- Muehlenhard, C. L., & Linton, M. A. (1987). Date rape and sexual aggression in dating situations: incidence and risk factors. *Journal of Counselling Psychology*, 34(2), 186-196.
- Neves, A. (2006). *A (Des)Construção dos discursos genderizados sobre o amor, o poder e a violência nas relações íntimas: metodologias feministas na psicologia social crítica*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga.
- O'Keefe, M. (1997). Predictors of dating violence among high school students. *Journal of Interpersonal Violence*, 12(4), 546-568.
- O'Keefe, M. (2005). Teen dating violence: a review of risk factors and prevention efforts. *National Electronic Network on violence against women*, 1-13.
- O'Keefe, M. & Treister, L. (1998). Victims of dating violence among high school students: are the predictors different for males and females? *Violence Against Women*, 4(2), 195-223.
- Oliveira, M. S. & Sani, A. S. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. In B. D. Silva & L. S. Almeida (Coords), *Actas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. (pp. 1061-1074). Braga: Centro de Investigação em Educação (CIEd).
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeito. *Psicologia, saúde & doenças*, 4 (2), 165-184.
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O Mundo da Criança*. (pp. 502-610). Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Pape, K.T., & Arias, I. (1995). Control, coping and victimization in dating relationships. *Violence and Victims*, 10(1), 43-54.
- Paul, E., & White, K. (1990). The development of intimate relationships in late adolescence. *Adolescence*, 25(98), 375-400.
- Price, E., Byers, E., & Dating Violence Research Team (1999). The attitudes towards dating violence scales: development and initial validation. *Journal of family violence*, 14(4), 387-415.

- Sêco, J. (1997). *Chamados pelo nome. Da importância da afectividade na educação da adolescência*. Oeiras: Instituto de Inovação Educacional.
- Shannon, L., Logan, TK., Cole, J., & Medley, K. (2006). Help-seeking and coping strategies for intimate partner violence in rural and urban women. *Violence and Victims, 21*(2), 167-181.
- Smith, D.B. (1999). *Intergenerational transmission of courtship violence: A meta-analysis*. Thesis submitted in partial fulfillment of the requirements for the Degree of Master of Science in Family and Child Development: Virginia Polytechnic Institute & State University.
- Straus, M. A. (1979). Measuring intrafamily conflict and violence. The conflict tactics (CT) scales. *Journal of Marriage and the Family, 41*, 75-86.
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by males and female university students worldwide. *Violence Against Women, 10*, 790-811.
- Teten, A.L., Ball, B., Valle, L.A., Noonan, R. & Rosenbluth, B. (2009). Considerations for the definition, measurement, consequences and prevention of dating violence victimization among adolescent girls. *Journal of Women's Health, 18*(7), 923-927.
- Vicary, J. R., Klingaman, L. R. & Harkness, W. L. (1995). Risk factors associated with date rape and sexual assault of adolescent girls. *Journal of Adolescence, 18*, 289-306.
- Weisz, A.N. & Black, B.M. (2009). Help-seeking and help-giving for teen dating violence. *The Prevention Researcher, 16*(1), 12-16.
- Wekerle, C. & Wolfe, D. A. (1999). Dating violence in mid-adolescence: theory, significance, and emerging prevention initiatives. *Clinical Psychology Review, 19*(4), 435-456.
- Wolfe, D. A., Wekerle, C., & Scott, K (1997). *Alternatives to violence. Empowering youth to develop healthy relationships*. London: Sage Publications.  
[http://books.google.com/books?id=gI7KqL\\_CiU4C&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com/books?id=gI7KqL_CiU4C&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)